

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - TRADUÇÃO INGLÊS

BEATRIZ ALVES DE SENA

**TRADUÇÃO DA OBRA TORTO ARADO PARA O INGLÊS:
REGIONALISMO NA LITERATURA**

BRASÍLIA – DF
2022

BEATRIZ ALVES DE SENA

**TRADUÇÃO DA OBRA TORTO ARADO PARA O INGLÊS:
REGIONALISMO NA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito à conclusão da disciplina Projeto Final do Curso de Tradução e obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soraya Ferreira Alves

BRASÍLIA - DF

2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Rejane Albuquerque e Eudes Sena, por me criarem acreditando que a educação transforma e por me amarem incondicionalmente.

Ao meu falecido avô, José Raimundo Sena, que sempre me contou sobre minhas origens e de sua vida no interior, e quem me inspirou para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus irmãos, Sara, Ana Alice e Felipe, por me mostrar todos os dias o significado de carinho e irmandade.

Ao meu marido, Guilherme Oliveira, pelo companheirismo, dedicação e amor com que sempre me incentivou. Obrigada por me manter em paz quando eu mais precisava.

Às minhas filhas de quatro patas, Luna e Lola, que ficaram ao meu lado por todas as noites de escrita e estudos durante esta caminhada.

À minha melhor amiga, Adriana de Jesus, que sempre me mostra o quanto sou forte e capaz, e por sempre me mostrar o poder da amizade.

À minha orientadora, Soraya Ferreira, e a todos os professores do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília que ajudaram na minha formação ao longo da minha jornada.

Obrigada a todos pelo carinho e paciência, sem vocês eu não teria conseguido.

“A devorante mão da negra morte acaba de roubar o bem que temos; até na triste campa não podemos zombar do braço da inconstante sorte: qual fica no sepulcro, que seus avós ergueram, descansado; qual no campo, e lhe arranca os frios ossos ferro do torto arado.”

Marília de Dirceu, Tomás Antônio Gonzaga

RESUMO

O presente trabalho relata sobre a tradução comentada do português brasileiro para o inglês da obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior. Tem como objetivo a valorização da tradução regionalista enquanto estratégia importante para os Estudos da Tradução, bem como as possibilidades de Estudos Comparados entre futuras versões para inglês. Utilizou-se como base as Modalidades de Tradução, de Vinay e Darbelnet (1995), e nos estudos de Francis Henrik Aubert (1998). A fim de conceituar os regionalismos, foram utilizadas as contribuições teóricas de Albertina Vicentini (2007) e Ligia Chiappini (1995). Nesta perspectiva, traduziram-se sete capítulos da obra, com vistas a demonstrar a complexidade do ato tradutório dos regionalismos brasileiros, bem como a apresentação de comentários com o propósito de entender esse processo.

Palavras-chave: Tradução; Literatura; Regionalismos; Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*

ABSTRACT

This work consists of a commented translation, from Brazilian Portuguese into English of the book *Torto Arado* by Itamar Vieira Junior. It aims to enhance regionalist translation as an important strategy for Translation Studies, as well as the possibilities of Comparative Studies between future versions into English. It was used as a basis the *Modalities of Translation*, by Vinay and Darbelnet (1995), and in the studies of Francis Henrik Aubert (1998). In order to conceptualize regionalisms, theoretical contributions from Albertina Vicentini (2007) and Ligia Chiappini (1995) were used. In this perspective, seven chapters of the book were translated, in order to demonstrate the complexity of the act of translating Brazilian regionalisms, as well as the presentation of comments with the purpose of understanding this process.

Keywords: Translation; Literature; Regionalisms; Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 CAPÍTULO I: Autor e Obra.....	09
1.1 Itamar Vieira Junior.....	09
1.2 Torto Arado.....	10
2 CAPÍTULO II: Regionalismo.....	14
2.1 Regionalismo na literatura.....	14
2.2 A classificação regionalista de Torto Arado.....	16
3 CAPÍTULO III: Tradução, Metodologia e Análise.....	17
3.1 Metodologia de tradução.....	18
3.2 Análise de trechos.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXO 1 “Crooked Plough”	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma versão comentada, para o inglês dos sete primeiros capítulos do livro *Torto Arado* escrito originalmente na língua portuguesa por Itamar Vieira Junior. A escolha da obra se dá pelo grande impacto na crítica literária desde sua publicação em 2019, pelo conteúdo de peso que o autor aborda, e também pela alegria de ver um livro brasileiro (e nordestino) se tornando um fenômeno mundial.

Como base teórica para desenvolver a tradução serão utilizados os estudos acerca das Modalidades de Tradução, de Vinay e Darbelnet, contidas no texto revisado de Francis Henrik Aubert. Para complementar a discussão sobre o regionalismo contido na obra serão utilizados os estudos de Albertina Vicentini, Ligia Chiappini e as considerações de Durval Muniz de Albuquerque Jr.

O trabalho se divide em três partes. A primeira, irá abordar a vida do autor e as características de sua vida que contribuíram para o resultado de *Torto Arado*. A segunda, irá trazer uma discussão sobre o título regionalista que o livro ganhou pela crítica e revistas literárias. A terceira, traz trechos da tradução, na qual, com a ajuda dos teóricos, é possível entender quais as escolhas tradutórias e os caminhos percorridos para chegar à versão do livro.

1 CAPÍTULO I: Autor e Obra

1.1 Itamar Vieira Junior

Itamar Vieira Junior nasceu no ano de 1979 em Salvador¹. Desde pequeno tinha interesse pelas literaturas e aos sete anos de idade já escrevia histórias. De origem humilde, Itamar conta em entrevistas que os pais viam no ensino o caminho para uma vida melhor. Mais tarde, aos dezesseis anos e influenciado pelos cânones da literatura brasileira, o autor começou um rascunho de *Torto Arado* que foi perdido. Somente após alguns anos o autor retorna a escrita pela necessidade de externalizar para o mundo a história de Bibiana e Belonísia².

Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), também é Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela mesma universidade. É notável o interesse de Itamar pelo estado em que vive e a sua ligação com a terra a partir de seus estudos acadêmicos como sua monografia denominada *A expansão de Salvador: a produção do espaço urbano em uma via metropolitana* (2005); a dissertação de mestrado com o nome de *A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e mercado formal de imóveis em Salvador: analisando a avenida paralela* (2007) e a sua tese de doutorado intitulada de *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo luna* (2017). Itamar também é servidor público do INCRA, órgão responsável pela execução da reforma agrária e realização do ordenamento fundiário nacional. Por conta dos seus estudos acadêmicos e da sua profissão, se deparou com a realidade do povo nos campos, o que o inspirou ainda mais para escrever sobre o assunto.

Estreou como autor em 2012 com a publicação do livro de contos *Dias*, com o qual venceu o *XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura* (Bahia). Em 2018 foi finalista do *Prêmio Jabuti* na categoria Conto com *A Oração do Carrasco* (2017). A obra também conseguiu o segundo lugar no *Prêmio Bunkyo de Literatura 2018* e venceu o *Prêmio*

¹ Biografia completa do autor disponível no *website*
<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>

² Entrevista concedida à revista *Forbes* em 2021, disponível em
<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>

Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores (Seção Rio de Janeiro). Porém, sua grande obra foi escrita somente em 2018 com o título de *Torto Arado*. Segundo o próprio autor³, por conta da falta de contato com as editoras, seus escritos eram submetidos a concursos e prêmios literários. Na época em que a escrita do romance foi concluída, a inscrição do *Prêmio Leya* (organizado pelo grupo editorial LeYa) estava aberta e o autor enviou a obra se tornando, meses depois, vencedor do prêmio. Com a notoriedade gerada para a obra e para o próprio autor, em 2019 a editora *Todavia* trouxe o título para o Brasil. No site da editora, pode-se encontrar um trecho justificando o motivo pelo qual a editora publicou a obra no Brasil:

Um texto realista e mágico que revela um poderoso elemento de insubordinação social. [...] Um romance que retrata - com extrema habilidade narrativa - um Brasil dolorosamente encajado no próprio passado escravista. (Editora *Todavia*, 2022)

Além do *Prêmio Leya*, *Torto Arado* também é vencedor do *Prêmio Jabuti 2020*, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), e pelo *Prêmio Oceanos 2020*, organizado pelo Itaú Cultural. Em 2021 lançou mais um livro de contos intitulado *Doramar ou a Odisseia*, também pela editora *Todavia*.

Assim como suas obras, o próprio autor também é vencedor de vários títulos. Itamar Vieira Junior é ganhador do *Prêmio Men of the Year 2021*, realizado pela GQ Brasil, na categoria Literatura, e *Prêmio Faz Diferença* na categoria Segundo Caderno / Livros, parceria entre a *Firjan* e o jornal *O Globo*.

Desde o lançamento de *Torto Arado*, Itamar Vieira Junior vem ganhando notoriedade nas mídias, vencendo vários prêmios e participando de várias entrevistas, tornando-se sucesso nacional⁴, a obra também vem chamando atenção de críticos e da comunidade leitora, e que enxerga *Torto Arado* como um possível clássico, que ainda permanecerá relevante por muito tempo. Segundo o site *PublishNews*, *Torto Arado* está na lista de livros mais vendidos de 2021 e ainda está no topo nas pesquisas de mais vendidos do início de 2022.

1.2 Torto Arado

³ Entrevista concedida à Roda Viva em 2021, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MU9iUc2UHBQ>

⁴ Segundo a revista Piauí, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/o-livro-que-voou-nas-redes/>

Torto Arado é um romance premiado de Itamar Vieira Junior. Publicado em 2018, em Portugal pela editora *Leya*, logo após ser vencedor do *Prémio Leya*, o romance veio ao Brasil pela editora *Todavia*. A escrita da obra começou quando o autor tinha apenas 16 anos, e resultou em 80 páginas iniciais da história. Porém, essas páginas foram perdidas em uma mudança e a ideia foi guardada. Depois de vinte anos e já trabalhando no INCRA, Itamar, que nunca havia esquecido aquela história, resolveu retornar à escrita, mas agora com mais vivência de mundo, mais bagagem por conta da profissão, e com assuntos mais complexos para abordar.

O livro conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia que vivem em uma fazenda chamada *Água Negra*, no sertão baiano. A história tem início quando as duas irmãs, ainda crianças, aproveitam um momento de distração da avó Donana para bisbilhotar a mala que ela guardava com muito esmero. Dentro da mala encontram uma velha faca muito bem afiada e então ocorre um acidente que une as irmãs para sempre, a ponto de uma precisar ser a voz da outra. A história então se desenvolve agora na realidade das irmãs e apresentando subtramas, ao passo que desenvolve os personagens.

Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto do sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo. O sangue se pôs a embotar de novo o tecido encardido e de nódoas escuras que recobria a faca. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 15)

Com toda a experiência do autor, o tema das terras é um dos assuntos principais, como é possível imaginar. As famílias que moram naquele local são de agricultores, que produzem todo o tipo de alimento e que cuidam das terras dos patrões que nem ali moram. É compreensível o quão importante é a formação e o trabalho de Vieira Junior para a escrita dessa temática na história. Segundo o autor, essa parte da história não foi pensada em seu primeiro esboço quando tinha dezesseis anos. Somente após trabalhar com pequenos produtores e agricultores no Maranhão e na Bahia que começou a refletir sobre o estilo de vida que essas pessoas tinham (Entrevista concedida ao programa de televisão RODA VIVA, em fevereiro de 2019).

Outro assunto recorrente durante o livro é a escravidão, desde as pessoas que moram em *Água Negra* e que são descendentes de pessoas escravizadas, quanto a própria escravidão nunca ter acabado de verdade. O livro não especifica uma data em que ocorre a história, apesar das pequenas pistas, como a Ford Rural mencionada na primeira parte, ou a motocicleta mencionada na segunda parte. O leitor pode ter uma noção, ou construir por conta a percepção do momento que as meninas viveram, mas o autor deixa essa questão, propositalmente, para a reflexão do leitor.

Junto ao enredo da família, a história apresenta a religião da população daquele lugar. O Jarê⁵ é retratado como um pilar importante para os moradores. Essa crença é constituída pelo sincretismo religioso, com influência do catolicismo, da umbanda e do espiritismo kardecista. Zeca Chapéu Grande, pai de Bibiana e Belonísia, é o personagem apresentado como uma espécie de representante maior da religião e também um curador. É possível perceber o papel que a religião desempenha para os moradores daquela região e como esse nicho é rico e cheio de camadas.

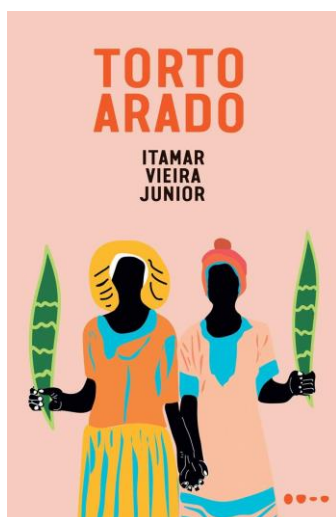
Quanto aos personagens, é perceptível a importância do papel feminino em vários pontos da história, a começar pelas próprias protagonistas: duas mulheres. As duas, mesmo que cresçam quase como uma só, são o retrato da mulher na sociedade, com gostos, temores, independência e o que as fazem ser mulheres reais⁶. A figura tanto da mãe, Salustiana, como da avó, Donana, retrata a mulher e mãe guerreira. A avó cuida das netas, da casa, da comida e da educação e que um dia fora a matriarca da família. Seu silêncio, sua religiosidade, a viuvez e os afazeres diários junto com os netos mostram a personalidade de Donana, de uma mulher que se fortaleceu com o tempo. E também a figura de Salustiana, mãe, mulher trabalhadora e guerreira que, por conta da ajuda da sogra, pode ir ao roçado ajudar com os trabalhos agrícolas junto com o marido. Mas não só isso, é parte fundamental para repassar os costumes e tradições dos antigos através da oralidade, papel que era designado às mulheres da época. Ainda é citado, na primeira parte da história, as duas irmãs Crispina e Crispiniana, que podem ser vistas como prelúdio da história de Bibiana e Belonísia. Além de tantas outras personalidades femininas contidas na obra e que representam

⁵ Prática religiosa de matriz africana presente exclusivamente na região da Chapada Diamantina, onde se passa o livro. Mais em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/jare-o-candomble-de-caboclos-tipico-da-chapada-diamantina/>

⁶ Site *Valkírias*, disponível em <https://valkirias.com.br/as-mulheres-de-torto-arado/>

vários aspectos da história, e que personificam as mulheres da vida real, juntamente com tudo que as fazem fortes.

Ao analisar a capa da obra publicada pela Editora *Todavia*⁷, é possível perceber duas mulheres às quais já associamos a imagem das irmãs Bibiana e Belonísia. Na verdade, a arte da capa feita pela ilustradora Linoca Souza foi inspirada na fotografia do italiano Giovanni Marrozzini. A foto faz parte da série *Nouvelle Semence* (2010), realizada em Camarões⁸.



Torto Arado (2018)

Ilustração de Linoca Souza



Nouvelle Semence (2010)

Giovanni Marrozzini

Na imagem de Linoca Souza, as vestimentas das mulheres da imagem retratam o contexto rural na qual estão inseridas. As duas mulheres seguram duas folhas que parecem espadas de Santa Bárbara, que podem simbolizar tanto a terra e a sua carga que permeia todo o romance, quanto o impacto da religião e a sua importância para a história. Elas também estão de mãos dadas, mostrando a união entre as irmãs e o laço que constroem desde o momento do acidente.

Em relação ao título da obra, o autor menciona em entrevistas que a inspiração para nomear a obra veio de um verso de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga. O trecho fala: “que seus avós ergueram, descansado;/ qual no campo, e lhe arranca os frios ossos/ ferro do torto arado.” Na história é mencionado o título, o

⁷ Fonte da imagem: <https://todavialivros.com.br/livros/torto-arado/>

⁸ Fonte da imagem: <https://culturadoria.com.br/torto-arado/2torto-arado/>

arado torto que aparece é um instrumento agrícola que veio dos antepassados de Belonísia e que se deformou com o tempo.

O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada. (VIEIRA JÚNIOR p. 127, 2019)

Arado aparece como o instrumento em que a personagem identifica a terra e é a palavra que ela gosta de proferir após o acidente quando está sozinha. O arado é torto assim como o som que sai de uma boca após tentar pronunciá-lo. Além disso, ele simboliza também a luta dos trabalhadores do campo e a permanência de uma cultura colonial que, mesmo após tanto tempo, ainda permanece viva na história.

2 CAPÍTULO II: Regionalismo

Para entendermos melhor as questões regionalistas presentes no livro de Itamar Vieira Junior, precisamos primeiro entender o que significa regionalismo e seu impacto na literatura brasileira. De acordo com o sociólogo Cristiano Bodart⁹, em seu blog *Café com Sociologia*, regionalismo é uma manifestação ideológica, marcada por uma identidade social/cultural imposta a um grupo, seja este pequeno ou grande. Essa manifestação pode acontecer de forma étnico-cultural, política e literária e está diretamente ligada à relação de um povo com sua terra de origem e sua identidade.

2.1 Regionalismo na literatura

Na literatura, o regionalismo se ocupa em retratar uma realidade de um determinado lugar e as problemáticas enfrentadas por aqueles que ali vivem (para a literatura, esses lugares são sempre fora dos ditos “centros urbanos”). Teve início com as primeiras manifestações literárias no final do século XVIII a meados do século XIX com alguns sonetos de Cláudio Manoel da Costa e José de Alencar (VICENTINI,

⁹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Editor do Blog Café com Sociologia.

2007)¹⁰. Sobre os principais autores que foram peças chaves para a consolidação da corrente literária, Vicentini diz:

Define-se de fato a partir do final do século XIX, com o mineiro Afonso Arinos, entrando século XX adentro com o gaúcho Simões Lopes Neto, os paulistas Valdomiro Silveira e Monteiro Lobato e o goiano Hugo de Carvalho Ramos no início do século até os anos 20; com o grupo nordestino de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado pelos anos 30; com o mineiro Guimarães Rosa e os goianos Bernardo Élis e Eli Brasiense pelos anos 50; com, no caso da literatura goiana, José Godoi Garcia, Carmo Bernardes e Bariani Ortencio pelos anos 70; e duas expressões recentes – uma sergipana, outra paulista – de Francisco Dantas e Antônio Torres, para citar os mais conhecidos de todos nós, porque regionalistas há em todas as regiões. (VICENTINI, p. 187, 2007)

Como já mencionado, o caráter regional se dá pela identificação de um povo e sua cultura em um determinado lugar, seja ele qual for. Com sua vasta dimensão territorial e pluralidade cultural, o Brasil possui vários “regionalismos”, apesar de que, pode ser considerado por críticos o regional tudo aquilo que foge do eixo urbano Rio-São Paulo. Segundo Vicentini (2015), atualmente não é mais possível ligar o regionalismo exclusivamente ao mundo sertanejo/agrário em oposição aos grandes centros urbanos. Essa prática foi muito comum até meados do século passado, mas atualmente não pode ser vista como comum, pois “o desenvolvimento capitalista nesse meio modificou significativamente a face do universo rural”. Esse pensamento vai de encontro com as ideias de Ligia Chiappini em seu texto publicado em 1955¹¹. Para ela, o regionalismo tem sido visto como ultrapassado graças ao êxodo rural e às modernizações das máquinas agrícolas. Mas ela acrescenta:

Essa crítica esquece, no entanto, que ele é um fenômeno eminentemente moderno e universal, contraponto necessário da urbanização e da modernização do campo e da cidade sob o capitalismo. Por isso, continua a existir e a dar frutos como uma corrente temático-formal [...] (CHIAPPINI, 1995, p. 156)

Mesmo após o fim da corrente regionalista em seu período mais forte, ainda é possível achar tendências herdadas desse momento em obras atuais, que discutem

¹⁰ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e professora do Mestrado em Letras da UCG. Trecho retirado de seu artigo Regionalismo Literário e Sentidos no Sertão

¹¹ Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, “DO BECO AO BELO: dez teses sobre o regionalismo” 1955

a relação de terra. Exemplo disso é a própria obra de *Torto Arado*, o qual consegue-se notar como romance com influências regionalistas.

2.2 A classificação Regionalista de *Torto Arado*

Desde que foi lançada, a obra de Vieira Junior teve grande impacto para a comunidade leitora da internet e para os críticos literários. Por conta desse fenômeno, houve discussões sobre *Torto Arado* ser um romance regional/nacional/universal. Em sites de revistas e *blogs* de resenhas é possível notar essa divisão de opiniões. No site do *Diário do Nordeste*, o professor Durval Muniz de Albuquerque Jr¹² escreve em 2021 sobre essa classificação e a importância do autor (e escritores nordestinos em geral) a se recusar em ocupar esse lugar. Segundo ele, um romance escrito no interior do Rio de Janeiro ou São Paulo, dificilmente receberia o título de leitura regionalista e sim a classificação de leitura nacional. O que ele chama de “gaveta classificatória” de literatura regionalista estaria reservado apenas aos autores e títulos produzidos nos “espaços economicamente e politicamente subalternos e vistos como subalternos do ponto de vista cultural e artístico”.

O professor ainda reitera sobre os motivos pelos quais o autor deveria renunciar esse rótulo imposto pelas grandes editoras e pela crítica literária.

Essa atribuição desse lugar guarda claramente um sentido político, há nela uma artimanha política, nem sempre consciente por parte de quem a faz, qual seja, a de subalternizar essa produção, de deslocá-la da centralidade do nacional para o periférico e hierarquicamente menor do regional. (DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JR. 2021)

O próprio Vieira Júnior fala sobre essa questão em sua entrevista para o programa *RODA VIVA* em fevereiro de 2021. Adriana Ferreira Silva, ex- chefe executiva da revista *Marie Claire*¹³ convidada para fazer parte do corpo de entrevistadores do episódio, pergunta ao escritor se esse título regionalista o incomodava.

¹² Professor da UFPE e UFRN. Colunista do jornal *Diário do Nordeste*. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr/torto-arado-e-literatura-regionalista-1.3129508>

¹³ Informações retiradas do LinkedIn da jornalista. Disponível em https://br.linkedin.com/in/adriana-ferreira-silva-50713024?original_referer=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F

Eu entendo que existe uma relação com a literatura regionalista, mas me incomoda um pouco porque quando a gente fala por exemplo de uma escritora como a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, exceto pelo *Americanah*, todos os livros dela falam muito especificamente de uma região da Nigéria, de uma guerra, um conflito. São todos muito regionais, mas é uma literatura muito universal, tanto é que ela é um fenômeno pop. Queria saber o que você pensa disso. Você concorda, te incomoda ou não?” (FERREIRA SILVA, 2021)

O autor responde que não se incomoda, mas que não concorda. “Eu entendo as pessoas que estudam por esse viés, mas eu costumo dizer que a minha literatura não é regional. Eu falo a partir do meu centro.” (VIEIRA JUNIOR 2021). Ele ainda expõe seu pensamento sobre quem teria cunhado o termo “regional” para classificar essa literatura feita fora do eixo Rio-São Paulo. Assim como a escritora Chimamanda Adichie escreve sobre temas universais como o direito à vida, à liberdade e a violência, ela escreve a partir do que o autor chama de “seu centro”, o que não exclui a obra de ser lida por todo o mundo e ter sua identificação com essas pessoas, mesmo que não estejam inseridos no mesmo lugar em que a autora. Ele encerra a resposta dizendo que “nos lugares mais remotos do mundo há algo muito universal e que comunica a experiência humana entre as pessoas”. Embora, em outra resposta, o autor fale sobre a preservação intencional de vocábulos próprios dos moradores daquela região, mantendo o regionalismo oral mas sem perder a fluidez do texto para os leitores de todo o mundo, ele ainda o considera universal, por tratar de temas como a escravidão, a violência, as crenças e o trabalho servil.

3 CAPÍTULO III: Tradução, Metodologia e Análise

Torto Arado se divide em três partes, cada qual narrado por um personagem diferente. Para esta análise, foram usadas as primeiras quarenta laudas do livro, o que corresponde a pouco mais de sete dos quinze capítulos, e quarenta de duzentos e sessenta e duas páginas da edição física lançada pela Editora *Atual*. A escolha das laudas se deve pelo fato das primeiras páginas servirem para a ambientação dos cenários, construção dos personagens e de suas falas, assim como suas rotinas nos campos. São permeados por falas e descrições particulares ao povo da terra. O primeiro capítulo é narrado por Bibiana e começa pelo episódio do acidente que resultou na amputação da língua de uma das irmãs. Durante o desenrolar desse

primeiro capítulo, o autor utiliza do suspense, não deixando claro qual das duas havia perdido a língua.

3.1 Teoria e metodologia.

A fim de apresentar uma proposta de tradução da obra, foram utilizadas as modalidades de tradução de Vinay e Darbelnet¹⁴, revisadas por Francis Henrik Aubert em 1998. É importante ressaltar que a obra ainda não possui nenhuma versão para o inglês¹⁵, mas por conta de seu enorme sucesso, estão em processo de tradução as versões em diversas línguas (como italiano, búlgaro e alemão). A relevância do presente trabalho se dá em relação à possibilidade de ser usado em Estudos Comparados da Tradução, com o propósito de estudar as diferentes possibilidades do texto na versão em inglês.

3.2 Análise de trechos

Para fazer a análise das escolhas tradutórias, serão levados em consideração as Modalidades de Tradução de Vinay e Darbelnet, revisadas por Aubert em seu texto "*Modalidades de Tradução - uma revisão do modelo Vinay e Darbelnet*" de 1998. Nele são apresentados "uma das muitas abordagens técnicas possível a qual, espera-se, seja de interesse não apenas para a teoria e a prática da tradução como também para a linguística comparada em geral" (AUBERT, 1998, p. 102). Nesse modelo é possível conhecer o que os autores denominavam de "procedimentos técnicos da tradução". Tais procedimentos poderiam orientar os tradutores no ato de traduzir, partindo da primeira etapa (o empréstimo) e atingindo o extremo oposto (a adaptação). Em sua revisão, Aubert utiliza essa linha de pesquisa para produzir dados quantitativos e analisar as ocorrências de cada ponto nos textos de seu projeto.

Em sua adaptação, as Modalidades de Tradução estenderam-se por treze pontos. São elas: Omissão, Transcrição, Empréstimo, Decalque, Tradução Literal, Transposição, Explicitação/Implicitação, Modulação, Adaptação, Tradução

¹⁴ Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, ambos linguistas franceses pioneiros nos Estudos da Tradução. Autores da obra "*Stylistique comparée du français et de l'anglais*" (1958).

¹⁵ Informação do site *Sounds and Colours* escrito por Isaac Norris em 2021. De acordo com respostas em seu Instagram, o autor também confirmou que ainda não possui nenhuma tradução para o inglês.

Intersemiótica, Erro, Correção e Acréscimo. Para efeitos analíticos, foram levados em consideração apenas os pontos necessários para a tradução de *Torto Arado*, especialmente em trechos em que era claro o uso de uma linguagem regional, e se fazia necessário algum desses pontos citados para produzir a versão para a língua inglesa. Os pontos de: Omissão, Transcrição, Tradução Intersemiótica, Erro, Correção e Acréscimo, não foram mencionados, seja por não haver ocorrências no trecho traduzido ou por aparecerem apenas uma vez (baixa ocorrência).

Os *Empréstimos* são marcadores textuais do Texto de Partida reproduzidos no Texto de chegada, com ou sem marcadores de empréstimos. Os exemplos que podem-se perceber são os nomes próprios, que permaneceram os mesmos em ambos os textos. O nome “Severo” ocorre na língua inglesa como “Severus” (como o personagem de *Harry Potter*), mas para deixar coerente com o restante do texto em que os nomes de todos os personagens estão todos no português, optou-se por deixar Severo, como no original.

EXEMPLO 1

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena, 2022)
“Ouvi os passos lentos de minha avó chamando Bibiana , chamando Zezé , Domingas , Belonísia .”	I heard my grandmother’s slow steps, calling Bibiana , calling Zezé , Domingas , and Belonísia .
Era meu primo mais velho, Severo . Era quase um rapaz, crescido, mas igualmente tímido como os irmãos.	It was my older cousin Severo . He was almost a boy, grown up, but just as shy as his brothers.

A *Tradução Literal* foi pouco recorrente no texto por conta das diferenças gramaticais entre o inglês e o português. Só pode ser considerado literal quando os mesmos signos, nas mesmas posições, transmitem a mesma coisa. Com as diferenças entre as duas línguas as ocorrências foram quase nulas. Quando ocorreram, foram em frases curtas ou falas breves.

EXEMPLO 2

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena, 2022)	Nº de Palavras

“Eu estava surpresa”	“I was surprised”	3 / 3
O pai, atormentado com aquele inesperado desaparecimento	The father, tormented by that unexpected disappearance	7 / 7

Como falado anteriormente, a diferença na gramática do inglês e do português provoca algumas alterações na estrutura no Texto de Chegada. Ao contrário da *Tradução Literal*, que era difícil de ocorrer, a *Transposição* foi um dos pontos mais usados ao longo de todo o texto de Versão. Constitui nas combinações “literais” mas sem apego ao número de unidades de palavras. Sendo assim, é considerado Transposição quando se preserva o sentido da frase, mas mudando a ordem ou número de unidades lexicais.

O livro (assim como grande parte dos textos da língua portuguesa), utiliza do sujeito elíptico para evitar a repetição do pronome e, assim, deixar as sentenças menos repetitivas. Já na língua inglesa, não há a possibilidade de usar tal artifício por não existir essa regra na gramática, sendo assim necessário sempre marcar o pronome.

EXEMPLO 3

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena,2022)
Donana jamais se recuperou do ocorrido. Mal saía de casa para o quintal ou terreiro. Costumava sentar na beira da cama, arrumava e desarrumava sua velha mala de couro.	Donana never recovered from what happened. She barely left the house for the backyard or the yard. She used to sit on the edge of his bed, tidying and unpacking her old leather suitcase.

Em alguns trechos, o uso do sujeito elíptico ocorria em tal frequência, que era necessário fazer algumas alterações para que o uso do pronome também não ficasse repetitivo.

EXEMPLO 4

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Literal Inglês (Sena, 2022)	Versão Final Inglês (Sena, 2022)

<p>Amarrou a cortina que separava a porta da sala para que pudesse nos observar de onde estivesse. Parecia ter medo que aprontássemos algo de novo. Disse que iria lavar a trouxa de roupa, empapada de sangue, que levou na viagem para o hospital.</p>	<p>She tied the curtain that separated the door from the living room so she could watch us from wherever she was. She seemed to be afraid that we were up to something again. She said she would wash the blood-soaked bundle of clothes she took on the way to the hospital.</p>	<p>She tied the curtain that separated the door from the living room in order to watch us from wherever she was. Our mother seemed to be afraid that we were up to something again. <u>Salu</u> said she would wash the blood-soaked bundle of clothes taken on the way to the hospital.</p>
--	--	---

Ao olhar o primeiro quadro, observa-se que em nenhum momento é utilizado pronome ou o substantivo próprio, somente o verbo conjugado na terceira pessoa do singular, a fim de evitar as repetições. No segundo quadro observa-se uma tradução mais “literal”. Um trabalho de transposição de linguagem, sem a preocupação da estética. Respeitando a regra de que toda frase necessita de um pronome para conjugar o verbo, nota-se que o pronome *she* aparece sete vezes, tornando cansativa a leitura. Na proposta final, essa ocorrência caiu para três vezes. Os outros pronomes foram substituídos em formas diversas (como Salu, apelido muito usado para se referir à mãe das meninas).

Entre outros exemplos de Transposição muito comuns no texto, há a troca de ordem do substantivo e do adjetivo, regra da língua inglesa.

EXEMPLO 5

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena,2022)
<p>Ninguém também falava na faca de cabo de marfim, nem sabíamos do seu paradeiro, nem o porquê de tanto mistério em volta da sua existência.</p>	<p>No one spoke about the ivory-handled knife either, nor did we know its whereabouts, or the reason for so much mystery surrounding its existence.</p>

E também o uso do pretérito imperfeito, que permeia toda a obra, mas que não existe no inglês. Para solucionar essa questão, foi necessário usar os verbos no passado simples, os verbos modais (*would* ou *could*) e a expressão “used to”, como mostrado no quadro:

EXEMPLO 6

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena,2022)
Víamos Donana chamar qualquer um da casa para relatar algum movimento diferente do cão.	We saw Donana call anyone from the house to report any different movement from the dog.
Estávamos impedidas de falar, então fomos aprendendo de forma instintiva que os gestos comunicariam o que não poderia ser dito.	We were unable to speak, so we instinctively learned that gestures would communicate what could not be said.
Invadíamos seu quarto para perguntar sobre as conversas que escutávamos	We used to invade her room to ask about the conversations we overheard

Por se tratar de um livro ambientado no sertão da Bahia, há a aparição de certas expressões regionalistas do nordeste que o autor, de forma proposital, deixou transparecer. Por serem palavras e expressões nacionais da cultura brasileira, essas unidades muitas vezes não dispunham de uma equivalência na língua inglesa.

Para esse texto, optou-se por não utilizar notas de rodapé, decisão fundamentada pelas ideias de Lyra¹⁶, que explica que em certas ocasiões, esse recurso pode acabar quebrando uma intimidade entre obra e leitor. A obra de Itamar Vieira Junior é muito intensa e cativante, introduzir notas de rodapé, além de quebrar o ritmo de leitura, faria com que essa imersão no universo de Belonísia e Bibiana perdesse a intensidade e o tom da história.

As narrativas na primeira pessoa, em geral, estabelecem com o leitor uma forma de cumplicidade e o levam a crer ser o único depositário do mistério partilhado com o autor. Ao descobrir um “intruso”, natural que o rejeite com mais ardor. (Lyra, 1999, p 81)

Pensando nisso, foi utilizado o recurso chamado de *Explicação*, mas apenas em aposto explicativo, e somente quando necessário. Desse modo, o texto não perde a fluidez ao passo que fornece uma breve explicação, se necessário, sobre algum termo. Aubert (1998, p. 107) expressa que as transposições podem ser obrigatórias -

¹⁶ Texto *Explicar é preciso? Notas de Tradutor: Quando, Como e Onde.*, 1999 de Regina M^a De Oliveira Tavares De Lyra

imposta pela estrutura morfossintática da língua alvo - ou facultativas, a critério do tradutor. Pode-se observar abaixo os trechos onde foi decidido utilizar tal recurso.

EXEMPLO 7

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena,2022)
Andávamos juntas pelo terreiro da casa, colhendo flores e barro, catando pedras de diversos formatos para construir nosso fogão, galhos para fazer nosso jirau e nossos instrumentos de trabalho	We walked together around the yard of the house, picking flowers and clay, gathering stones of different shapes to build our stove, twigs to make our jirau , a wooden shelf , and our working tools
Ainda tentou estimular a sogra, chamando para o quintal para ver como tal planta estava vistosa, se o umbuzeiro estivesse florido,	Salu even tried to encourage her mother-in-law, calling her to the backyard to see how this plant was showing, if the umbu tree was in bloom,
Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê .	These were families that placed their hopes in the powers of Zeca Chapéu Grande, a curator of jarê , our African origin religion .

As *Modulações* ocorrem sempre que é necessário passar o sentido de uma expressão, mas não necessariamente de forma literal. Ou seja, o sentido das expressões são mais importantes que as palavras escolhidas para serem utilizadas. As *Modulações* podem assumir formas bastante diversas, variando desde detalhes em algumas palavras da frase até a sentença inteira. Esse tópico também fez parte do texto em vários momentos.

EXEMPLO 8

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena,2022)
O gerente da fazenda apenas ria dizendo que crianças são iguais a gatos, que cegam , uma hora estão num lugar outra hora estão em outro, quase sempre aprontando algo para dar dor de cabeça aos pais.	The farm manager just laughed saying that children are just like cats, they are always doing something , at one moment they are in a place, in another moment they are in another place, almost always up to something to give their parents a headache.

Escutava-a levantar de madrugada para abrir a porta do quintal ainda no sereno para conversar com Fusco, quase em sussurros	I could hear her getting up at dawn to open the door to the backyard, still in the chilly night , to talk to Fusco, almost in whispers.
Talvez fosse o mesmo com que ela chegou numa boleia de caminhão , acompanhada de meu pai pouco antes que eu nascesse.	It was perhaps the same one she had arrived in on a truck driver cab , accompanied by my father shortly before I was born.
“ Onde já se viu irmãs da mesma barriga viverem a vida como se fossem inimigas?”	“ Where in the world could sisters of the same belly live their lifes as if they were enemies?”

Por fim, foi utilizada a modalidade da *Adaptação*. Ela denota uma assimilação cultural, ou seja, busca-se novamente pelo sentido do signo correspondente na língua de chegada. O intuito não é buscar uma equivalência perfeita, e sim uma palavra coincidente com a intenção do sentido. Um fato curioso nas ocorrências desse tópico é que os dois exemplos citados são para achar uma adaptação para espécies de animais, já que eles são naturais da América do Sul.

EXEMPLO 9

Original (Vieira Junior, 2019)	Versão Inglês (Sena,2022)
[...] do filho que enlouqueceu e foi viver no mato com uma onça por semanas.	[...] her son who went mad and went to live in the bush with a jaguar for weeks.
O couro de caititu que cobria as imperfeições do chão de terra se encolheu sob seu corpo.	The collared peccary leather that covered the imperfections of the earthen floor shrunk under his body.

Apesar de haver *ounce* para denominar a onça, o uso de jaguar aparece com uma ocorrência maior. Para evitar a quebra da naturalidade do texto, optou-se por utilizar jaguar como forma de tornar o texto mais explicativo, mas sem adicionar notas de rodapé (o que nesse caso seria inútil, vide o texto de Lyra citado acima). O mesmo ocorre com *collared peccary*. Apesar do animal *peccary* ser mais comum na língua inglesa, sem adicionar *collared* essa espécie não tem vivência na América do Sul, apenas na América do Norte. Por esse motivo, optou-se por adicionar a especificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado das reflexões realizadas no decorrer deste trabalho, constatou-se o grande desafio que é o trabalho da tradução de um texto regionalista brasileiro para a língua inglesa. Com o propósito de propor uma reflexão sobre o que é regionalismo e como esse rótulo pode se encaixar no livro de Vieira Júnior, foram utilizados os estudos de Albertina Vicentini, Ligia Chiappini e Durval Muniz de Albuquerque Jr.

O objetivo principal do trabalho era apresentar uma tradução com análise e comentários, principalmente dos trechos com caráter regional da obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, com base nos pressupostos teóricos de Vinay e Darbelnet, e juntamente com Aubert. Trabalho esse com intuito elevar a cultura brasileira (principalmente nordestina) para outra língua, e conseqüentemente fazer a história de Bibiana e Belonísia ir ao encontro com outras culturas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, DURVAL MUNIZ DE. **Torto Arado é literatura regionalista?**.

Diário do Nordeste, 2021. Disponível em:

<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniaocolumnistas/durval-muniz-de-albuquerque-jr/torto-arado-e-literatura-regionalista-1.3129508>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

ALBUQUERQUE, FERNANDA. **Fantasia e Misticismo na narrativa de Torto**

Arado. [S.l.]. O Grito!, 2020. Disponível em: <<https://www.revistaogrito.com/fantasia-e-misticismo-na-narrativa-de-torto-arado/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

AUBERT, F. H. **Modalidades de tradução: teoria e resultados**. Tradterm, [S. l.], v.

5, n. 1, p. 99-128/129, 1998. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775>>. Acesso em: 12 fevereiro. 2022.

BATISTA JR., João. **O livro que voou nas redes**. Revista Piauí, 2021. Disponível

em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-livro-que-voou-nas-redes/>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

BODART, Cristiano das Neves. **O que é regionalismo**. Blog Café com Sociologia,

Maceió/AL, p.1-6, ago. 2009. Disponível em:

<<https://cafecomsociologia.com/conceito-de-regionalismo/> > . Acesso em 24 de abril de 2022.

CARNEIRO, RAQUEL. **Com ‘Torto Arado’, autor une prestígio literário e sucesso comercial**. Veja, 2021. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/cultura/com-torto-arado-autor-une-prestigio-literario-e-sucesso-comercial/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

CHIAPPINI, Lígia. “**Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 153-159.

Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1989/1128>>. Acesso em 20 de abril de 2022.

EDITORA TODAVIA. **Torto Arado**. Todavia, 2019. Disponível em:

<<https://todavialivros.com.br/livros/torto-arado>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

GUIMARÃES, Vivian. **As mulheres de Torto Arado**. Valkírias, 2021. Disponível em: <<https://valkirias.com.br/as-mulheres-de-torto-arado/>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

LYRA, Regina M^a de Oliveira Tavares de. **Explicar é preciso? Notas de Tradutor: Quando, como e onde**. Fragmentos, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.73-87, jul/dez 1998.

Disponível em

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6039/5609>>. Acesso 05 de março de 2022.

NETO, LEONARDO. **'Torto arado' começa 2022 encabeçando a Lista dos Livros Mais Vendidos do PublishNews**. PublishNews, 2022. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2022/01/07/torto-arado-comeca-2022-encabecendo-a-lista-dos-livros-mais-vendidos-do-publishnews>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PORTAL LITERAFRO. **Itamar Vieira Junior**. LiterAfro, 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SIMIÃO, IZABELLA. **Resenha Torto Arado de Itamar Vieira Junior**. DEVIANTE, 2021. Disponível em: <<https://www.deviante.com.br/noticias/resenha-torto-arado-de-itamar-vieira-junior/>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

VICENTINI, A. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 10, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v10i2.3140. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/3140>>. Acesso em: 9 maio. 2022.

VICENTINI, Albertina. **Apontamento sobre o regionalismo em literatura hoje**. Revista Mosaico, Goiás: PUC Goiás, ed. 08, n. 02, p. 215-215, Semestral. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/4434/2556>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

WEBER, Mariana. **Como Itamar Vieira Junior transformou andanças de 15 anos pelo Nordeste no livro mais vendido do Brasil.** Forbes, 2021. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/como-itamar-vieira-junior-transformou-andancas-de-15-anos-pelo-nordeste-no-livro-mais-vendido-do-brasil/>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ANEXO 1 “Crooked Plough”

1	1
<p>Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano. Pouco antes daquele evento, estávamos no terreiro da casa antiga, brincando com bonecas feitas de espigas de milho colhidas na semana anterior. Aproveitávamos as palhas que já amarelavam para vestir feito roupas nos sabugos. Falávamos que as bonecas eram nossas filhas, filhas de Bibiana e Belonísia. Ao percebermos nossa avó se afastar da casa pela lateral do terreiro, nos olhamos em sinal de que o terreno estava livre, para em seguida dizer que era a hora de descobrir o que Donana escondia na mala de couro, em meio as roupas surradas com cheiro de gordura rançosa. Donana notava que crescíamos e, curiosas, invadiamos seu quarto para perguntar sobre as conversas que escutávamos e sobre as coisas de que nada sabíamos, como os objetos no interior de sua mala. A todo instante éramos repreendidas por nosso pai ou nossa mãe. Minha avó, em particular, só precisava nos olhar com firmeza para sentirmos a pele arrepiar e arder, como se tivéssemos nos aproximado de uma fogueira.</p>	<p>When I took the knife out of my clothes bag, wrapped in an old, grimy piece of fabric with dark stains and a knot in the middle, I was just over seven years old. My sister Belonísia, who was with me, was a year younger. Just before that event, we were in the yard of the old house, playing with dolls made from corn cobs harvested the week before. We used the husk that had already turned yellow to dress the cobs with clothes. We used to say that the dolls were our daughters, daughters of Bibiana and Belonísia. When we noticed our grandmother walking away from the house on the side of the yard, we looked at each other as a sign that the land was clear, to then say that it was time to find out what Donana was hiding in her leather suitcase, amidst the shabby, smelly clothes of rancid fat. Donana noticed that we were growing up and, curious, we used to invade her room to ask about the conversations we overheard and about things we knew nothing about, such as the objects inside her suitcase. At every moment we were scolded by our father or mother. My grandmother, in particular, only had to look at us sternly to feel our skin prickling and burning, as if we had approached a bonfire.</p>
<p>Por isso, ao vê-la se afastar em direção ao quintal, olhei para Belonísia. Decidida a revirar suas coisas, não hesitei em caminhar, nas pontas dos pés, em direção ao quarto, para abrir a mala de couro envelhecida, com manchas e uma grossa camada de terra acumulada sobre ela. A mala, durante toda a nossa existência até então, estava debaixo da cama. Eu mesma fui para o quintal espiar pela porta e ver vó Donana se arrastando em direção à mata, que ficava depois do pomar e da horta, depois do galinheiro com seus poleiros velhos. Naquele tempo, costumávamos ver nossa avó falar sozinha, pedir coisas estranhas como que alguém –</p>	<p>Therefore, seeing her walk away towards the backyard, I looked at Belonísia. Determined to rummage through his things, I didn't hesitate to tiptoe toward the bedroom to open the aged leather suitcase with stains and a thick layer of dirt on top of it. The suitcase, during our entire existence until then, was under the bed. I myself went to the backyard to peek through the door and see Grandma Donana dragging herself towards the woods, which was beyond the orchard and vegetable garden, beyond the chicken coop with its old perches. At that time, we used to see our grandmother talking to herself, asking for strange things</p>

<p>que não víamos – se afastasse de Carmelita, a tia que não havíamos conhecido. Pedia que o mesmo fantasma que habitava suas lembranças se afastasse das meninas. Era uma profusão de falas desconexas. Falava sobre pessoas que não víamos – os espíritos – ou de pessoas sobre as quais quase nunca ouvíamos, parentes e comadres distantes. Nos habituamos a ouvir Donana falar pela casa, falar na porta da rua, no caminho para a roça, falar no quintal, como se conversasse com as galinhas ou com as árvores secas. Eu e Belonísia nos olhávamos, ríamos sem alarde, e nos aproximávamos sem que percebesse. Fingíamos brincar com algo por perto só para escutar e, depois, com as bonecas, com os bichos e as plantas, repetimos o que Donana havia dito como coisa séria. Repetíamos o que minha mãe dizia baixo para o pai na cozinha. “Hoje ela está falando muito, a cada dia fala mais sozinha”. O pai relutava em admitir que minha avó estivesse com sinais de demência, dizia que a vida toda a mãe havia falado consigo mesma, a vida toda havia repetido rezas e encantos com a mesma distração com que revirava os pensamentos.</p>	<p>like someone – who we didn't see – to move away from Carmelita, the aunt we hadn't met. She asked the same ghost that inhabited her memories to move away from the girls. It was a profusion of disconnected speeches. She talked about people we didn't see – the spirits – or about people we hardly ever heard about, distant relatives and godmothers. We got used to hearing Donana talking around the house, talking at the front door, on the way to the field, talking in the backyard, as if she were talking to the chickens or the dry trees. Belonísia and I would look at each other, we laughed without making any noise, and we would approach without her noticing. We pretended to play with something nearby just to listen and then, with the dolls, animals and plants, we repeated what Donana had said as a serious thing. We repeated what my mother said softly to her father in the kitchen. “Today she is talking a lot, every day she talks more to herself”. The father was reluctant to admit that my grandmother had signs of dementia, said that all her life her mother had talked to herself, all her life she had repeated prayers and charms with the same distraction with which she turned her thoughts.</p>
<p>Naquele dia, escutamos a voz de Donana se afastar no espaço do quintal, em meio ao cacarejo e aos cantos das aves. Era como se as rezas e sentenças que proferia, e que muitas vezes não faziam sentido para nós, estivessem sendo carregadas para longe, carregadas pelo sopro de nossas respirações ansiosas pela transgressão que estávamos prestes a cometer. Belonísia se enfiou debaixo da cama e puxou a mala. O couro de caititu que cobria as imperfeições do chão de terra se encolheu sob seu corpo. Abri a mala sozinha, sob nossos olhos luminosos. Levantei algumas peças de roupa antigas, surradas, e de outras que ainda guardavam as cores vivas que a luz do dia seco irradiava, luz que nunca soube descrever de forma exata. E no meio das roupas mal dobradas e arrumadas havia um tecido sujo envolto no objeto que nos chamou a atenção, como se fosse a joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo. Fui eu quem desatou o nó, atenta à voz de Donana que ainda estava distante. Vi os olhos de Belonísia</p>	<p>That day, we heard Donana's voice moving away in the backyard space, amid the clucking and singing of birds. It was as if the prayers and sentences she uttered, which often made no sense to us, were being carried away, carried away by the breath of our anxious breathing for the transgression we were about to commit. Belonisia slipped under the bed and pulled out the suitcase. The collared peccary leather that covered the imperfections of the earthen floor shrunk under his body. I opened the suitcase by myself, under our luminous eyes. I picked up some old, shabby pieces of clothing that still held the bright colors that the dry daylight radiated, a light that others were never able to describe exactly. And in the middle of the badly folded and tidy clothes there was a dirty fabric wrapped in the object that caught our attention, as if it were the precious jewel that our grandmother kept with all her secrets. It was me who untied the knot, attentive to Donana's voice, which</p>

<p>cintilarem com o brilho do que descobríamos como se fosse um presente novo, forjado de um metal recém-tirado da terra.</p>	<p>was still far away. I saw Belonisia's eyes sparkle with the gleam of what we were discovering as if it were a new gift, wrought from a metal freshly taken from the earth.</p>
<p>Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos, e minha irmã pediu para pegar. Não deixei, eu veria primeiro. Cheirei e não tinha o odor rançoso dos guardados de minha avó, não tinha manchas nem arranhões. Minha reação naquele pequeno intervalo de tempo era explorar ao máximo o segredo e não deixar passar a oportunidade de descobrir a serventia da coisa que resplandecia em minhas mãos. Vi parte de meu rosto refletido como num espelho, assim como vi o rosto de minha irmã, mais distante. Belonísia tentou tirar a faca de minha mão e eu recuei. “Me deixa pegar, Bibiana.” “Espere”. Foi quando coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto do sangue quente, que escorria pelo canto de minha boca semiaberta, e passou a gotejar de meu queixo. O sangue se pôs a embotar de novo o tecido encardido e de nódoas escuras que recobria a faca.</p>	<p>I raised the knife, which was neither big nor small before our eyes, and my sister asked to take it. I didn't allow it, I would see first. I smelled it and it didn't have the rancid odor of my grandmother's belongings, it didn't have any stains or scratches. My reaction in that short period of time was to explore the most of the secret and not pass up the opportunity to discover the usefulness of the thing that glittered in my hands. I saw part of my face reflected as in a mirror, as I saw my sister's face, farther away. Belonisia tried to take the knife from my hand and I backed away. “Let me take it, Bibiana.” “Wait”. That's when I put the metal in my mouth, so much did I want to taste it, and, almost at the same time, the knife was violently removed. My eyes were perplexed, glazed over Belonisia's, who was now also bringing the metal to her mouth. Along with the metallic taste that lingered on my palate, the taste of warm blood, which ran from the corner of my half-open mouth, began to drip from my chin. The blood began to dull the grimy, dark-stained fabric that covered the knife</p>
<p>Belonísia também retirou a faca da boca, mas levou a mão até ela como se quisesse segurar algo. Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, porque dela também escorria sangue. Tentei engolir o que podia, minha irmã também esfregava rápido a mão na boca com os olhos marejados e apertados, tentando afastar a dor. Ouvei os passos lentos de minha avó chamando Bibiana, chamando Zezé, Domingas, Belonísia. “Bibiana, não está vendo as batatas queimando?” Havia um cheiro de batata queimada, mas tinha também o cheiro do metal, o cheiro do sangue que ensopava minha roupa e a de Belonísia.</p>	<p>Belonisia took the knife out of her mouth, but took her hand as she struggled to hold it too. His lips were dyed red, I didn't know if it was the emotion of feeling the silver, or if, like me, he had been injured, because blood was also dripping from her mouth. I tried to swallow what I could, my sister also rubbed her mouth quickly with teary and narrowed eyes, trying to get away the pain. I heard my grandmother's slow steps, calling Bibiana, calling Zezé, Domingas, and Belonísia. “Bibiana, can't you see the potatoes burning?” There was a smell of burning potatoes, but there was also the smell of metal, the smell of the blood that soaked my clothes and Belonisia's.</p>
<p>Quando Donana levantou a cortina que separava o cômodo em que dormia da</p>	<p>By the time Donana lifted the curtain that separated her sleeping room from the</p>

<p>cozinha, eu já havia retirado a faca do chão e embrulhado de qualquer jeito no tecido empapado, mas não havia conseguido empurrar de volta a mala de couro para debaixo da cama. Vi o olhar assombrado de minha avó, que desabou sua mão grossa na minha cabeça e na de Belonísia. Ouvei Donana perguntar o que estávamos fazendo ali, porque sua mala estava fora do lugar e que sangue era aquele. “Falem”, disse, nos ameaçando arrancar a língua, que estava, mal ela sabia, em uma das nossas mãos.</p>	<p>kitchen, I had already taken the knife off the floor and wrapped it clumsily in the soggy fabric, but I hadn't been able to shove the leather suitcase back under the bed. I saw the haunted look of my grandmother, who dropped her thick hand on my head and Belonisia's. I heard Donana ask what we were doing there, why her suitcase was out of place and what blood was that. “Speak!” she said, threatening to rip out our tongues, which was, little did she know, in one of our hands.</p>
<p>2</p>	<p>2</p>
<p>Nossos pais retornaram da roça e encontraram minha avó desorientada, com nossas cabeças mergulhadas numa tina de água, gritando: “Ela perdeu a língua, ela cortou a língua.” Repetia tanto que, certamente, naqueles primeiros momentos, Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau acharam que as duas filhas haviam se mutilado num ritual misterioso que, nas suas crenças, precisaria de muita imaginação para explicar. A tina era uma poça vermelha e nós duas chorávamos. Quanto mais chorávamos abraçadas, querendo pedir desculpas, mais ficava difícil saber quem tinha perdido a língua, quem teria que ir para o hospital a léguas de Água Negra. O gerente da fazenda chegou numa <i>Ford Rural</i> branca e verde para nos conduzir ao hospital. Essa <i>Rural</i>, como chamávamos, servia aos proprietários quando estavam na fazenda, servia a Sutério para os trabalhos como gerente, se deslocando entre a cidade e Água Negra, ou percorrendo as distâncias na própria fazenda, quando não queria fazer a cavalo.</p>	<p>Our parents returned from the field and found my grandmother disoriented, with our heads in a tub of water, screaming “She lost her tongue, she cut her tongue.” She repeated so much that, certainly, in those first moments, Zeca Chapéu Grande and Salustiana Nicolau thought that their two daughters had mutilated themselves in a mysterious ritual that, in their beliefs, would need a lot of imagination to explain. The tub was a red puddle and we were both crying. The more we cried holding each other, wanting to apologize, the more difficult it became to know who had lost their tongue, who would have to go to the hospital miles from Black Water. The farm manager arrived in a white and green <i>Rural Willys</i> to drive us to the hospital. This <i>Rural</i>, as we called it, served the owners when they were on the farm, it served Sutério for his work as manager, moving between the city and Black Water, or traveling the distances on the farm itself, when he didn't want to do it on horseback.</p>
<p>Minha mãe se muniu de colchas e toalhas que recobriam as camas e a mesa, para tentar estancar o sangue. Ela gritava para meu pai, que colhia com as mãos trêmulas ervas nos canteiros próximos à casa, impaciente, transmitindo seu desespero na voz, que se tornou mais aguda, além do olhar espantado. As ervas eram para ser usadas no caminho até o hospital, em rezas e encantos. Os olhos de Belonísia estavam vermelhos de tanto choro, os meus eu não conseguia sequer sentir, e minha mãe perguntava perplexa o que havia acontecido, com o que brincávamos, mas nossas respostas eram</p>	<p>My mother equipped herself with quilts and towels that covered the beds and the table, to try to stop the bleeding. She was screaming at my father, who was impatiently picking herbs from the flower beds next to the house with trembling hands, conveying her despair in her voice, which became higher, in addition to the amazed look in his eyes. The herbs were to be used on the way to the hospital, in prayers and spells. Belonisia's eyes were red from crying, mine I couldn't even feel it, and my mother asked perplexed what had happened, what we were playing with, but</p>

<p>longos gemidos difíceis de interpretar. Meu pai segurava a língua envolta numa de suas poucas camisas. Mesmo naquelas horas, meu medo era que o órgão em arrebatamento se dispusesse a falar sozinho no colo dele sobre o que havíamos feito. Que falasse sobre nossa curiosidade, nossa teimosia, nossa transgressão, nossa falta de zelo e respeito por Donana e por suas coisas. Mais ainda, sobre a nossa irresponsabilidade de colocar uma faca na boca, sabendo que facas sangram caças, sangram as crias do quintal e matam homens.</p>	<p>our answers were long moans that were difficult to understand. My father held the tongue wrapped in one of his few shirts. Even in those hours, my fear was that the organ in rapture would be willing to talk alone in his lap about what we had done. That it would talk about our curiosity, our stubbornness, our transgression, our lack of zeal and respect for Donana and her things. Even more, about our irresponsibility to put a knife in our mouth, knowing that knives bleed games, bleed backyard pups and kill men.</p>
<p>Meu pai recobriu a pequena trouxa com as folhas que havia colhido antes de sair. Da janela do carro vi meus irmãos ao redor de Donana, dona Tonha a amparando pelo braço e a levando de volta para casa. Anos depois viria a sentir remorso por esse dia, por ter deixado minha avó desnordeada, aos prantos, se sentindo incapaz de cuidar de qualquer pessoa. Durante a viagem, ouvimos a angústia de minha mãe transmitida nos sussurros de suas preces e por suas mãos calosas e sempre quentes, mas que agora pareciam saídas de uma bacia de água que dormiu ao relento no sereno da noite.</p>	<p>My father covered the small bundle with the leaves he had picked before he left. From the car window I saw my brothers around Donana, Dona Tonha holding her arm and leading her back to the house. Years later, I would feel remorse for that day, for having left my grandmother bewildered, in tears, feeling unable to care for anyone. During the journey, we heard my mother's anguish conveyed in the whispers of her prayers and by her calloused and always warm hands, but which now seemed to come out of a basin of water that had slept outdoors in the quiet night.</p>
<p>No hospital, demoramos a ser atendidas. Nossos pais estavam encolhidos em um canto ao nosso lado. Vi as calças sujas de terra que ele não teve tempo de trocar. Minha mãe tinha um lenço colorido amarrado na cabeça. Era o mesmo lenço que usava embaixo do chapéu que levava para se proteger do sol na roça. Ela limpava nossos rostos com peças da trouxa de roupa, a cada momento com um novo tecido com cheiro de guardado, e que não conseguia identificar. Meu pai ainda segurava a língua envolta na mesma camisa. As folhas estavam guardadas nos bolsos de sua calça, talvez por vergonha de o apontarem com desdém como feiticeiro dentro daquele lugar que ele não conhecia. Foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar.</p>	<p>At the hospital, we took a long time to be attended. Our parents were huddled in a corner next to us. I saw the dirt-stained pants he didn't have time to change. My mother had a colorful scarf tied around her head. It was the same scarf he wore under the hat he wore to protect himself from the sun in the fields. She wiped our faces with items from the bundle of clothing, each time with a new fabric that smelled of storage, which I couldn't identify. My father still held the tongue wrapped in the same shirt. The leaves were kept in the pockets of his pants, perhaps out of shame at being dismissed as a sorcerer in that place he didn't know. It was the first place I saw more white people than black people. And I saw how people looked at us with curiosity, but without approaching.</p>
<p>Quando o médico nos levou para a sala e meu pai lhe mostrou a língua como uma flor murcha entre as mãos, vi sua cabeça balançar num sinal de negação. Vi também o</p>	<p>When the doctor led us into the room and my father stuck out the tongue like a wilted flower between his hands, I saw his head shake in denial. I also saw the sigh he gave</p>

<p>suspiro que deu ao abrir nossas bocas quase ao mesmo tempo. Ela terá que ficar aqui. Terá problemas na fala, para deglutir. Não tem como reimplantar. Hoje sei que se diz assim, mas à época nem passava por minha cabeça o que tudo aquilo significava, e muito menos na cabeça de meu pai e de minha mãe. Belonísia nesse instante sequer me olhava, mas ainda continuávamos unidas.</p>	<p>as we opened our mouths almost at the same time. She will have to stay here. She will have problems speaking, swallowing. There's no way to redeploy it. Today I know it's said like that, but at the time it didn't even cross my mind what it all meant, let alone the minds of my father and mother. Belonisia wasn't even looking at me at that moment, but we were still together.</p>
<p>Nossas feridas foram suturadas, e permanecemos juntas por mais dois dias. Saímos com um carregamento de antibióticos e analgésicos nas mãos. Teríamos que voltar dali a duas semanas para retirar os pontos. Teríamos que comer mingaus e purês, alimentos pastosos. Minha mãe deixaria o trabalho na roça nas semanas que se seguiriam para se dedicar integralmente aos nossos cuidados. Somente uma das filhas teria a fala e deglutição prejudicada. Mas o silêncio passaria a ser nosso mais proeminente estado a partir desse evento.</p>	<p>Our wounds were sutured, and we stayed together for another two days. We left with a load of antibiotics and painkillers in hand. We would have to come back in two weeks to have the stitches removed. We would have to eat porridges and purees, pasty foods. My mother would leave her work in the fields in the weeks that followed to dedicate herself fully to our care. Only one of the daughters would have impaired speech and swallowing. But silence would become our most prominent state from that event onwards.</p>
<p>Nunca havíamos saído da fazenda. Nunca tínhamos visto uma estrada larga com carros passando para os dois lados, seguindo para os mais distantes lugares da Terra. Foi o que Sutério disse. No caminho de ida, estávamos tomados de aflição, pelo cheiro de sangue coagulando, pelas preces de meu pai e de minha mãe, atônitos. O gerente da fazenda apenas ria dizendo que crianças são iguais a gatos, que cegam, uma hora estão num lugar outra hora estão em outro, quase sempre aprontando algo para dar dor de cabeça aos pais. Que ele tinha filhos e sabia. Na volta estávamos bastante doloridas, uma mais que a outra, esgotadas da mesma forma, apesar da extensão das lesões ter sido distinta. Uma havia amputado a língua, a outra tinha tido um corte profundo, mas estava longe de perdê-la.</p>	<p>We had never left the farm. We had never seen a wide road with cars passing on both sides, heading to the farthest reaches of the earth. That's what Suterius said. On the way out, we were filled with grief, by the smell of clotting blood, by the prayers of my father and mother, astonished. The farm manager just laughed saying that children are just like cats, they are always doing something, at one moment they are in a place, in another moment they are in another place, almost always up to something to give their parents a headache. That he had children and he knew. On the way back we were very sore, one more than the other, exhausted in the same way, although the extent of the injuries was different. One had amputated her tongue, the other had a deep cut, but she was far from losing it.</p>
<p>Nunca havíamos andado no <i>Ford Rural</i> da fazenda ou em qualquer outro automóvel. E como era diferente o mundo além de Água Negra! Como era diferente a cidade com suas casas grudadas uma às outras, dividindo paredes. As ruas calçadas com pedras. O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda eram de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas</p>	<p>We had never ridden in the farm's <i>Rural Willys</i> or any other car. And how different was the world beyond Black Water! How different was the city with its houses right next to each other, dividing walls. The streets were paved with stones. The floors of our houses and farm paths were made of earth. Only clay, which was also used to make food for our corn cob dolls, and from</p>

<p>bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia. Só pudemos observar tudo aquilo durante o retorno, em lados opostos do veículo, com nossa mãe ao meio, absorta em pensamentos que nosso alarido havia precipitado em seu íntimo.</p>	<p>which almost everything we ate grew. Where we would bury the remains of childbirth and the baby's belly button. Where it would bury the remains of our bodies. Where everyone would go down someday. No one would escape. We could only observe all that during the way back, on opposite sides of the vehicle, with our mother in the middle, absorbed in thoughts that our fuss had precipitated within her.</p>
<p>Ao chegarmos à casa, só estavam Zezé e Domingas, pequenos, acompanhados de dona Tonha. Vi meu pai perguntar por Donana enquanto minha mãe nos segurava pelas mãos diante da porta. Desceu faz umas duas horas para o rumo do rio, foi o que dona Tonha respondeu. Sozinha?, quiseram saber. Sim, saiu levando um embrulho.</p>	<p>When we got to the house, there were only Zezé and Domingas, little children, accompanied by Mrs. Tonha. I saw my father ask for Donana while my mother held our hands in front of the door. She went down to the river about two hours ago, that's what Dona Tonha replied. Alone? they wanted to know. Yes, she left with a package.</p>
<p>3</p>	
<p>Salu disse que eu era a filha mais velha, a primeira de quatro filhos vivos e de outros tantos que nasceram mortos. Belonísia veio pouco tempo depois, enquanto minha mãe ainda me amamentava, contrariando a crença de que quem amamenta não engravida. Entre nós duas, diferente dos intervalos entre os outros filhos, não houve natimortos. Dois anos depois que nasceram dois filhos mortos veio Zezé e, por último, Domingas. Entre eles, mais duas crianças que não vingaram. Minha avó, Donana, foi quem ajudou minha mãe nos partos. Era nossa avó, mas também mãe de pegação. Esse era o título que dizia qual era o seu lugar em nossas vidas: avó e mãe. Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau – os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos – encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana. Foi o primeiro espaço no mundo fora do corpo de Salu que ocupamos. Suas mãos côncavas que muitas vezes vi se encherem de terra, de milho debulhado e feijão catado. Eram mãos pequenas, de unhas aparadas, como deveria ser a mão de uma parteira, dona Tonha dizia. Pequenas, capazes de entrar no ventre de uma mulher para virar com destreza uma criança atravessada, mal encaixada, crianças com os movimentos errados para nascer. Ela</p>	<p>Salu said I was the eldest daughter, the first of four living children and many more who were stillborn. Belonísia came a short time later, while my mother was still breastfeeding me, contradicting the belief that those who breastfeed do not get pregnant. Between the two of us, unlike the intervals between the other children, there were no stillbirths. Two years after the birth of two dead children came Zezé and, finally, Domingas. Among them, two more children who didn't make it. My grandmother, Donana, was the one who helped my mother with the births. She was our grandmother, but also a midwife. That was the title that defined her place in our lives: grandmother and mother. When we left the womb of Salustiana Nicolau – the living, those who died later and the stillborn – we found Donana's small hands first. It was the first space in the world outside the body of Salu that we took up. His concave hands, which I have often seen, filled with earth, mthreshed corn and sorted beans. They were small hands, with trimmed nails, as a midwife's hand should be, Dona Tonha used to say. Small, capable of entering a woman's womb to deftly turn a cross-legged, ill-fitting child, children with the wrong movements to be</p>

<p>faria os partos das trabalhadoras da fazenda até poucos dias antes de sua morte.</p>	<p>born. She would deliver farm workers until a few days before her death.</p>
<p>Quando nascemos, nossos pais já eram trabalhadores da Fazenda Água Negra. Meu pai havia ido buscar Donana semanas antes do meu nascimento. Cresci ouvindo minha avó se queixar da distância da fazenda onde havia passado sua vida, nota evidente de uma saudade que não admitia sentir. Não exigia seu retorno, compreendia seu papel ao lado do filho, mas não deixava de externar seu lamento. Quando meu pai apareceu na fazenda onde havia nascido, para buscá-la, Donana já se encontrava sozinha na casa velha onde viveu quase todo o seu tempo. Seus outros filhos haviam partido em busca de trabalho, cada um na sua vez. A primeira a deixar a casa depois de meu pai havia sido Carmelita, que partiu sem indicar o rumo que tomaria, logo após a mãe ficar viúva pela terceira vez. Mas a própria Donana, em seu íntimo, quis que a filha seguisse seu destino.</p>	<p>When we were born, our parents were already workers at Black Water Farm. My father had picked up Donana weeks before I was born. I grew up listening to my grandmother complain about the distance from the farm where she had spent her life, an evident note of a longing that she did not admit to feeling. She did not demand her return, she understood her role with her son, but she did not fail to express her regret. When my father showed up at the farm where he was born to pick her up, Donana was already alone in the old house where she lived most of her time. Her other children had left in search of work, each in his turn. The first to leave the house after my father had been Carmelita, who left without indicating the direction she would take, shortly after her mother was widowed for the third time. But Donana herself, in her heart, wanted her daughter to follow her destiny.</p>
<p>Àquela altura, a terra da Fazenda Caxangá, que havia rendido fartura de frutos por toda a sua vida, estava retalhada. Cada homem com desejo de poder havia avançado sobre um pedaço e os moradores antigos foram sendo expulsos. Outros trabalhadores que não tinham tanto tempo na terra estavam sendo dispensados. Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem. Diziam que haviam comprado pedaços da Caxangá. Alguns eram confirmados pelos capatazes, outros não. Meu pai, depois de chegar à Água Negra, retornou algumas vezes ao lugar onde havia nascido. Essas histórias nos foram contadas por Salustiana, enquanto crescíamos. Só preservaram Donana por lá por conta da idade avançada, por já terem de alguma forma se afeiçoado à sua presença. E também porque corriam de casa em casa, de boca em boca, os poderes da velha feiticeira, das viuvezes, provas do seu fardo, e do filho que enlouqueceu e foi viver no mato com uma onça por semanas.</p>	<p>At that time, the land of Fazenda Caxangá, which had yielded plenty of fruit all its life, was divided. Every man with a lust for power had advanced over a piece and the old residents were being driven out. Other workers who didn't have as much time on the land were being laid off. Powerful men, often accompanied by other men in armed bands, appeared overnight with a document that no one knew where it came from. They said they had bought pieces of Caxangá. Some were confirmed by the foremen, others were not. My father, after arriving at Black Water, returned a few times to the place where he was born. These stories were told to us by Salustiana while we were growing up. They only preserved Donana there because of her advanced age, because they had already somehow become fond of her presence. And also because it ran from house to house, word of mouth, the powers of the old witch, the widows, proof of her burden, and her son who went mad and went to live in the bush with a jaguar for weeks.</p>

<p>Eu e Belonísia éramos as mais próximas e, talvez por isso, as que mais se desentendiam. Tínhamos quase a mesma idade. Andávamos juntas pelo terreiro da casa, colhendo flores e barro, catando pedras de diversos formatos para construir nosso fogão, galhos para fazer nosso jirau e nossos instrumentos de trabalho para arar nossas roças de brinquedo, para repetir os gestos que nossos pais e nossos ancestrais nos haviam legado. Disputávamos espaços, disputávamos sobre o que plantar, sobre o que cozinhar. Disputávamos os calçados feitos das folhas verdes e largas que encontrávamos na mata que circundava as nossas casas. Montávamos bastões de madeira que fazíamos de nossos cavalos, recolhíamos sobras de lenha para fazer nossos móveis. Quando as disputas se tornavam brigas e gritos, nossa mãe intervinha, pouco paciente, e nos levava de volta para casa nos retirando a liberdade de sair até que nos comportássemos. Prometíamos que não brigaríamos mais, até que saíamos para o quintal ou para o terreiro e recomeçávamos a brincadeira, para pouco tempo depois retornar à rixa, às vezes com direito a arranhões e puxões de cabelo.</p>	<p>Belonísia and I were the closest and, perhaps for that reason, the ones who disagreed the most. We were almost the same age. We walked together around the yard of the house, picking flowers and clay, gathering stones of different shapes to build our stove, twigs to make our jirau, a wooden shelf, and our working tools to plow our toy fields, to repeat the gestures that our parents and ancestors had bequeathed to us. We disputed spaces, disputed over what to plant, over what to cook. We disputed the shoes made from the wide green leaves that we found in the woods that surrounded our houses. We rode wooden sticks that we made for our horses, and we collected leftover firewood to make our furniture. When the disputes turned to fighting and screaming, our mother would step in, impatiently, and would take us back home, taking away our freedom to go out until we behaved. We promised that we wouldn't fight anymore, until we went out to the backyard or the yard and started the play again, only to return to the fight shortly afterwards, sometimes with scratches and hair pulling.</p>
<p>Nos primeiros meses após perder a língua fomos tomadas de um sentimento de união que estava embotado daquele passado de brigas e disputas infantis. No início se instalou uma grande tristeza em nossa casa. Os vizinhos e compadres vinham nos visitar, fazer votos de melhoras. Minha mãe se revezava com as vizinhas, que olhavam os filhos menores enquanto ela cozinhava papas, mingau de cachorro para ajudar na cicatrização, purês de inhame, batata-doce ou aipim. Nosso pai seguia para a roça ao nascer do dia. Rumava com seus instrumentos depois de passar a mão nas nossas cabeças com suas preces sussurradas aos encantados. Quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência, a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da</p>	<p>In the first few months after losing the tongue, we were gripped by a feeling of togetherness that was blunted from that past of childhood fights and disputes. In the beginning a great sadness settled in our house. Neighbors and <i>compadres</i> came to visit us, wishing us well. My mother took turns with the neighbors, who watched the younger children while she cooked papas, dog porridge to help with healing, yam puree, sweet potato or cassava. Our father went to the fields at daybreak.</p> <p>He was heading to work with his instruments after running his hand over our heads with his whispered prayers to the charmed ones. When we resumed the games, we had forgotten the disputes, now one would have to speak for the other. One would be the voice of the other. The sensitivity that would surround that coexistence from then on should be improved. One should have the ability to read more closely the eyes and gestures of the sister. We would be the same. The one</p>

<p>que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar.</p>	<p>who would lend the voice would have to go, with her vision, through the signs of the body of the one who was silent. The one who became silent would have to have the ability to transmit with large gestures and also minimal vibrations the expressions that she would like to communicate.</p>
<p>Para que essa simbiose ocorresse e produzisse um efeito duradouro, as disputas ficaram, naturalmente e por um tempo, de lado. Ocupávamos o tempo com as apreensões do corpo da outra. No começo foi difícil, muito difícil. Era necessário que se repetissem palavras, que se levantassem objetos, que se apontasse para as coisas que nos cercavam, tentando apreender a expressão desejada. Com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma a outra, sem perder a nossa essência. Às vezes nos aborrecíamos por algo, mas logo a necessidade de comunicar o que uma irmã precisava, a mesma necessidade de comunicar à outra irmã o que precisava ser expressado, fazia com que esquecêssemos a causa de nossas queixas.</p>	<p>In order for this symbiosis to occur and produce a lasting effect, disputes were naturally and for a while on the sidelines. We occupied our time with the apprehensions of the other's body. At first it was difficult, very difficult. It was necessary to repeat words, to lift objects, to point to the things that surrounded us, trying to capture the desired expression. Over the years, this gesture became an extension of our expressions, until we almost became each other, without losing our essence. Sometimes we were upset about something, but soon the need to communicate what one sister needed, it was the same need to communicate to the other sister. What needed to be expressed, made us forget the cause of our complaints.</p>
<p>Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser.</p>	<p>That's how I became a part of Belonisia, just as she became a part of me. That's how we grew up, we learned to farm, observed our parents' prayers, took care of our younger siblings. That's how we watched the years go by and we felt almost Siamese sharing the same organ to produce the sounds that manifested what we needed to be.</p>
<p>4</p>	<p>4</p>
<p>Donana retornou com a barra da saia molhada. Disse que tinha ido à beira do rio deixar o mal por lá. Entendi por "mal" a faca com cabo de marfim e, mesmo distante, senti seu brilho ofuscar minhas lembranças. Deveria estar no "embrulho" que dona Tonha disse que ela havia levado. Parecia abatida, pálida, com as pálpebras caídas e inchadas. Se aproximou de nós para nos afagar com a mesma mão que desabou sobre nossas cabeças. Senti suas mãos nodosas percorrendo nossos rostos, para logo depois entrar no quarto sem dizer mais nada. Dali não sairia até o dia seguinte</p>	<p>Donana returned with the hem of her skirt wet. She said that she'd gone to the river's edge to leave the evil there. I understood the "evil" as the ivory-handled knife, even from a distance, I felt its brightness overshadow my memories. It must have been in the "package" that Dona Tonha said she had taken. She looked haggard and pale, with her eyelids drooping and swollen. She approached us to stroke us with the same hand that fell on our heads. I felt his gnarled hands running over our faces, and then she entered the room without saying</p>

	anything else. From there she wouldn't leave until the next day.
<p>Meu pai se dirigiu ao quarto dos santos e acendeu uma vela. Nossa mãe nos levou para o seu quarto de dormir e pediu que ficássemos quietas na cama dela. Amarrôu a cortina que separava a porta da sala para que pudesse nos observar de onde estivesse. Parecia ter medo que aprontássemos algo de novo. Disse que iria lavar a trouxa de roupa, empapada de sangue, que levou na viagem para o hospital. Do quarto, ouvi dona Tonha pedir as roupas para ela mesma lavar. Minha mãe era uma mulher alta – mais alta que nosso pai – com um corpo forte e mãos grandes. Tinha uma distinção admirada pelos que a cercavam, o que a fazia também querida pelos vizinhos. Mas naquele dia parecia ter perdido aquela aura nobre, estava com os ombros curvados, demonstrava exaustão.</p>	<p>My father went to the saints' room and lit a candle. Our mother took us to her bedroom and asked us to be quiet in her bed. She tied the curtain that separated the door from the living room in order to watch us from wherever she was. Our mother seemed to be afraid that we were up to something again. Salu said she would wash the blood-soaked bundle of clothes taken on the way to the hospital. From the bedroom, I heard Dona Tonha asking for the clothes to wash herself. My mother was a tall woman – taller than our father – with a strong body and big hands. She had a distinction admired by those around her, which also made her beloved by her neighbors. But that day she seemed to have lost that noble aura, her shoulders were hunched, she showed exhaustion.</p>
<p>Senti Belonísia estender sua mão até a minha e segurar com força. Estávamos impedidas de falar, então fomos aprendendo de forma instintiva que os gestos comunicariam o que não poderia ser dito. Adormecemos assim naquele primeiro dia.</p>	<p>I felt Belonisia reach out her hand to mine and hold it tightly. We were unable to speak, so we instinctively learned that gestures would communicate what could not be said. We fell asleep like that that first day.</p>
<p>Donana jamais se recuperou do ocorrido. Mal saía de casa para o quintal ou terreiro. Costumava sentar na beira da cama, arrumava e desarrumava sua velha mala de couro. Retirava os objetos, roupas, frasco de perfume vazio, um pequeno espelho, uma escova de cabelo velha, um missal, papéis que pareciam ser documentos. Lamentava não ter nenhum retrato dos filhos. Não se incomodava mais com a nossa presença ao seu lado, mesmo nesse momento de intimidade, de arrumar e desarrumar seus objetos. Fazia aquilo para preencher o tempo. Há muito que não ia mais para a roça, estava reduzida a remexer no que se plantava no quintal. E até mesmo este, que era dos seus poucos prazeres no fim da vida, foi deixando de lado. Havia perdido o interesse pelas plantas que cuidava, pelos xaropes de raiz que costumava receitar aos vizinhos e à própria família. Minha mãe assumiu essas poucas tarefas que Donana considerava suas.</p>	<p>Donana never recovered from what happened. She barely left the house for the backyard or the yard. She used to sit on the edge of his bed, tidying and unpacking her old leather suitcase. She took out objects, clothes, an empty perfume bottle, a small mirror, an old hairbrush, a missal, papers that looked like documents. She regretted not having any pictures of her children. Donana was no longer bothered by our presence at her side, even in this moment of intimacy, of packing and unpacking her objects, which was made to fill the time. It had been a long time since she went to the field, she was reduced to rummaging in what was planted in the backyard. And even this task, which was one of his few pleasures at the end of his life, was left aside. She had lost interest in the plants he tended, in the root syrups she used to prescribe to his neighbors and her own family. My mother took on those few tasks that Donana considered her own.</p>

<p>Ainda tentou estimular a sogra, chamando para o quintal para ver como tal planta estava vistosa, se o umbuzeiro estivesse florido, ou se alguma praga tivesse surgido em meio ao caos de nossa horta. Minha avó apenas olhava, sem interesse, resmungava e voltava para o quarto, se ocupando de retirar e colocar os objetos em sua velha mala, como se aguardasse a qualquer momento um convite para uma viagem de volta à fazenda onde havia nascido, o único lugar que parecia lhe interessar na vida.</p>	<p>Salu even tried to encourage her mother-in-law, calling her to the backyard to see how this plant was showing, if the umbu tree was in bloom, or if any pest had appeared amid the chaos of our garden. My grandmother just watched, without interest, grumbled and went back to her room, taking care of removing and putting the objects in her old suitcase, as if she was waiting at any moment for an invitation to a trip back to the farm where she had been born, the only place that seemed to interest her in life.</p>
<p>Nos meses que se seguiram, durante o tempo em que nos recuperávamos, enquanto uma aprendia a expressar o desejo da outra, e a outra se fazia legível na expressão dos desejos, apenas algo retirou Donana do mundo de suas lembranças e do arrumar e desarrumar cotidiano daquela mala: um cão que Belonísia encontrou com a pata quebrada na estrada para a roça. Ele abanava o rabo como as folhas da palmeira e andava em pequenos pulos sobre três pernas, sendo que uma das patas dianteiras tinha algum osso quebrado, o que fazia com que a balançasse no ar enquanto se esforçava de forma comovente para caminhar. Algo no animal havia rompido o mutismo de todos nos últimos meses e víamos Donana chamar qualquer um da casa para relatar algum movimento diferente do cão. Por um período ela se esqueceu da mala e passou mais tempo na janela para observar <i>Fusco</i>, nome que ela mesma escolheu, e que parecia ser a única companhia que lhe importava.</p>	<p>In the following months, during the time we recovered, while one learned to express the other's desire, and the other made herself legible in the expression of desires, only something pulled Donana out of the world of her memories and everyday packing and unpacking objects from that suitcase: a dog that Belonísia found with a broken leg on the road to the farm. It wagged its tail like palm leaves and walked in small leaps on three legs, having one of its front paws a broken bone, which caused it to swing in the air as it struggled movingly to walk. Something about the animal had broken everyone's silence in the last few months and we saw Donana call anyone from the house to report any different movement from the dog. For a while she forgot her suitcase and spent more time at the window to observe <i>Fusco</i>, a name she had chosen herself, and which seemed to be the only company she cared about.</p>
<p>Logo passou a pedir que dormíssemos em seu pequeno quarto para não deixá-la só. Seguíamos. Donana contava histórias que não tinham fim. Antes de terminá-las, adormecia. Por saber que aquelas histórias não acabariam, às vezes eu dormia antes dela. Escutava-a levantar de madrugada para abrir a porta do quintal ainda no sereno para conversar com <i>Fusco</i>, quase em sussurros. Ainda assim era possível ouvir o som de sua voz. Em toda nossa vida, Donana nunca tinha nos batido como naquele dia em que contrariamos o que considerava sagrado, violando seu passado, trazendo de volta coisas que decerto não gostaria recordar. Nem queria que nossas mãos inocentes</p>	<p>Soon she began to ask us to sleep in her small room so as not to leave her alone. We followed. Donana told stories that had no end. Before finishing them, she fell asleep. Knowing that those stories wouldn't end, sometimes I slept before her. I could hear her getting up at dawn to open the door to the backyard, still in the chilly night, to talk to <i>Fusco</i>, almost in whispers. Yet it was possible to hear the sound of his voice. Throughout our lives, Donana had never beaten us like that day we went against what she considered sacred, violating her past, bringing back things she certainly wouldn't want to remember. Nor did she want our innocent hands to hold the reason</p>

<p>segurassem o motivo de suas dores, ao mesmo tempo que não gostaria de ter que se desfazer de suas lembranças por completo, porque a mantinham viva. Davam sentido ao que lhe sobrava dos dias, na mesma medida em que demonstravam que não havia sido compassiva com as dificuldades que encontrou em seu caminho.</p>	<p>for her pain, while she wouldn't want to have to get rid of her memories completely, because they kept her alive. They gave meaning to what was left of her days, in the same way that they showed that she had not been compassionate with the difficulties she encountered on her way.</p>
<p>Numa manhã, Donana acordou me chamando de Carmelita, dizendo que iria dar um jeito em tudo, que eu não me preocupasse, que não precisaria mais viajar. Àquela época eu tinha doze anos e Belonísia se aproximava dos onze. Vi Donana nas manhãs seguintes chamar Belonísia de Carmelita também. Minha irmã apenas ria da confusão. Olhávamos uma para a outra e nos deixávamos caçoar pela desordem que se instaurou nos falares de Donana. Em seus pensamentos, <i>Fusco</i> havia se tornado uma onça, pedia para que tivéssemos cuidado. Nos convidava a caminhar pelas veredas por onde iríamos buscar meu pai que, haviam dito, estava dormindo aos pés de um jatobá ao lado da onça mansa que o cão havia se tornado. Sabíamos que nosso pai estava na roça, trabalhando todos os dias, então as coisas que minha avó falava não faziam sentido.</p>	<p>One morning, Donana woke up calling me Carmelita, saying that she would fix everything, that I wouldn't worry, that I wouldn't have to travel anymore. At that time I was twelve years old and Belonísia was approaching eleven. I saw Donana the following mornings calling Belonísia Carmelita too. My sister just laughed at the confusion. We looked at each other and allowed ourselves to be mocked by the disorder that had ensued in Donana's conversations. In his thoughts, <i>Fusco</i> had become a jaguar, he asked us to be careful. She invited us to walk along the paths where we would go to pick up my father who, someone said, was sleeping at the jatoba tree next to the tame jaguar that the dog had become. We knew that our father was in the field, working every day, so the things my grandmother said didn't make sense.</p>
<p>Mesmo assim, minha mãe pedia que a acompanhássemos, que vigiássemos para que não lhe sucedesse nenhum acidente ou se perdesse em meio à mata. "Não deixem sua avó se embrenhar nas ribanceiras. Cuidado com a cobra. Não riem de sua avó". Caminhávamos colhendo os frutos que já estavam doces, enquanto adentrávamos o mês de dezembro. Nos esquecíamos de Donana, às vezes nos perdíamos, ficávamos quietas, e logo uma ordem vinha do meio da mata, chamando Carmelita e os meninos para buscar Zeca, e então corríamos ao seu encontro.</p>	<p>Nevertheless, my mother asked us to accompany her, to watch her over so that no accident happened to her or she got lost in the woods. "Don't let your grandmother go down the bank. Watch out for the snake. Don't laugh at your grandmother." We walked picking the fruits that were already sweet, as we entered the month of December. Occasionally, we would forget about Donana, and sometimes we would get lost. We kept quiet, and soon an order would come from the middle of the woods, calling Carmelita and the boys to fetch Zeca, and then we ran to meet her.</p>
<p>Quando meu pai chegava à casa e os netos diziam que Zeca estava ali diante de seus olhos, minha avó dizia não ser verdade, que dele só queria o chapéu que levaria com ela.</p>	<p>When my father arrived at the house and the grandchildren said that Zeca was there in front of her eyes, my grandmother said it was not true, that all she wanted from him was the hat she would take with her.</p>
<p>Numa tarde de fevereiro, no meio da modorra que o calor nos fazia, Donana saiu sem que</p>	<p>On a February afternoon, in the midst of the drowsiness that the heat was causing us,</p>

<p>percebêssemos. Quando minha mãe, que lavrava um pedaço de terra mais perto de casa, entrou para tomar um copo d'água, percebeu que a sogra não estava ali. Pediu que eu fosse atrás dela. Procurei Belonísia para me acompanhar, mas não a encontrei. Desci pelo caminho que minha avó costumava fazer buscando por meu pai, acompanhada dos "meninos". Tinha um pé de buriti grande por onde andei, o chão estava coberto de frutos. Antes de seguir na busca por Donana, que deveria estar no lugar de sempre, juntei os que conseguia carregar e levei na barra de meu próprio vestido transformado em cesto. Eram frutos rígidos, cor de cobre, nem pareciam se desmanchar numa polpa suculenta untando os corpos das mulheres que iam vender sua massa na cidade. A venda nos garantia comprar as coisas de que precisávamos quando a roça não resistia à seca ou à enchente do rio.</p>	<p>Donana left without us noticing her. When my mother, who plowed a piece of land closer to home, went home for a glass of water, she noticed that her mother-in-law was not there. She asked me to go after her. I looked for Belonísia to accompany me, but I couldn't find her.</p> <p>I went down the path my grandmother used to take looking for my father, accompanied by the "boys". There was a big buriti tree where I had passed, the ground was covered with fruits. Before continuing on the search for Donana, who should have been in her usual place, I gathered what I could carry and put it on the hem of my own dress turning into a basket.</p> <p>They were hard, copper-colored fruits, and they didn't even seem to dissolve into a juicy pulp greasing the bodies of the women who went to sell their pulp in the city. The sale guaranteed us to buy the things we needed when the fields couldn't resist the drought or the flooding of the river.</p>
<p>Foi assim que cheguei à beira do rio Utinga, no raso que era passagem permanente para o brejo no caminho das roças, e encontrei Donana emborcada como um bicho na beira e dentro d'água. Seus cabelos brancos pareciam uma esponja luminosa que refletia a luz do sol no espelho que se formava. Reconheci porque era o vestido surrado de minha avó, um vestido que, de tão velho, talvez fosse o mesmo com que ela chegou numa boleia de caminhão, acompanhada de meu pai pouco antes que eu nascesse. Assombrada com aquela visão, talvez a primeira de minha vida, deixei os frutos caírem e rolarem para o leito de água. Sacudi minha avó – poderá acordar? –, virei seu corpo pequeno e frágil, puxei sem conseguir, não tinha força para retirá-la da água.</p>	<p>That was how I arrived at the edge of the Utinga River, in the shallow that was a permanent passage to the marsh on the way to the gardens, and found Donana capsized like an animal on the edge and in the water. Her white hair looked like a luminous sponge that reflected the sunlight in the mirror that was formed. I recognized it because it was my grandmother's shabby dress, a dress that, being so old, was perhaps the same one she had arrived in on a truck driver cab, accompanied by my father shortly before I was born.</p> <p>Haunted by that vision, perhaps the first of my life, I let the fruits fall and roll into the body of water. I shook my grandmother – will she wake up? –, I turned her small and fragile body, I pulled without being able to, I didn't have the strength to take her out of the water.</p>
<p>Corri para casa para buscar ajuda, sufocada pelo que havia visto. Encontrei Belonísia agachada no mesmo pé de buriti de onde eu havia colhido os frutos. Ela juntava os que não pude carregar no caminho para o rio, quando viu o pavor em meu rosto. Uma de nós levaria a notícia para casa.</p>	<p>I ran home for help, suffocated by what I had seen. I found Belonísia crouching in the same buriti tree where I had picked the fruit. She was gathering the ones I couldn't carry on the way to the river, when she saw the dread on my face. One of us would take the news home.</p>

5	5
<p>Ninguém desfez a mala que Donana havia passado a arrumar diariamente nos últimos meses de sua vida. Já conhecíamos cada peça de roupa, cada objeto, de tanto observá-la retirando e pondo tudo de novo na canastra, num ritual que se tornou permanente. Minha mãe sugeriu que algum passante e sua família, em busca de trabalho e necessitado de roupas, recebesse a mala por inteiro de dádiva. Mas meu pai não teve coragem de dar as coisas que pertenciam a Donana, e minha mãe não tocou mais no assunto. Ninguém também falava na faca de cabo de marfim, nem sabíamos do seu paradeiro, nem o porquê de tanto mistério em volta da sua existência. Até a morte de Donana, não sabia por que a lâmina estava enrolada naquele tecido com nódoas de sangue, nem mesmo por que um objeto bonito, com um cabo branco perolado, que meu pai, com a sabedoria de suas andanças, julgava ser marfim, não havia sido vendido diante da escassez em que vivíamos.</p>	<p>Nobody unpacked the suitcase that Donana had started to pack daily for the last few months of her life. We already knew each piece of clothing, each object, from watching her removing and putting everything back in the suitcase, in a ritual that became permanent. My mother suggested that a passerby and his family, looking for work and in need of clothes, receive the entire suitcase as a gift. But my father didn't have the courage to give away the things that belonged to Donana, and my mother didn't bring it up again. No one spoke about the ivory-handled knife either, nor did we know its whereabouts, or the reason for so much mystery surrounding its existence. Until Donana's death, I didn't know why the blade was wrapped in that blood-stained fabric, or even why a beautiful object, with a pearly white handle, which my father, with the wisdom of his wanderings, thought was ivory, it had not been sold in the face of the scarcity in which we lived.</p>
<p>Meu pai passaria longo tempo em luto. As festividades que conduzia para os encantados em nossa casa foram suspensas. Continuou atendendo aos que chegavam carregando aflições, querendo um alento, uma reza, um remédio de raiz para curar seus males. Zeca Chapéu Grande guardava luto fechado nos gestos, porque não era hábito vestir preto na servidão de nossas vidas; tinha os olhos marejados, falava muito pouco naqueles dias. Só não deixou de caminhar para a roça, como sempre fazia.</p>	<p>My father would spend a long time in grief. The festivities that led to the enchanted ones in our house were suspended. He continued to attend to those who arrived carrying afflictions, wanting a breath, a prayer, a root remedy to cure their ills. Zeca Chapéu Grande kept his gestures closed in mourning, because it was not customary to wear black in the servitude of our lives; his eyes were teary, he spoke very little in those days. He just didn't stop walking to the fields, as he always did.</p>
<p>Algumas semanas depois do enterro, vi minha mãe empalidecer à porta de casa com a visão que tinha da estrada.</p>	<p>A few weeks after the funeral, I saw my mother turn pale at the front door of her house at the view she had of the road.</p>
<p>Cheguei ao umbral e me coloquei ao seu lado. Belonísia e Domingas corriam no terreiro com <i>Fusco</i>, o cão perneta, que havia voltado a ser apenas cão em nossas brincadeiras. Vi minha mãe exclamar uma misericórdia. Belonísia, Domingas e <i>Fusco</i> também pararam para olhar para a estrada, alertados pelos urros que escutávamos. Um homem trazia uma mulher amarrada por</p>	<p>I reached the door and placed myself beside her. Belonísia and Domingas ran in the yard with <i>Fusco</i>, the one-legged dog, who had returned to being just a dog in our games. I saw my mother exclaim a mercy. Belonísia, Domingas and <i>Fusco</i> also stopped to look at the road, alerted by the roars we could hear. A man was carrying a woman tied by rope, the two accompanied</p>

<p>corda, os dois acompanhados por outra mulher. Ainda estavam distantes, mas era possível ver o grande esforço que faziam para avançar pelo chão de terra. A mulher gritava os clamores mais ameaçadores e incômodos que eu já tinha ouvido.</p>	<p>by another woman. They were still far away, but you could see the great effort they were making to advance across the earthen floor. The woman was screaming the most threatening and annoying cries I had ever heard.</p>
<p>“E não é Crispiniana quem vem ali? Ou é Crispina?”, perguntou minha mãe, se referindo às gêmeas, filhas de Saturnino, nossos vizinhos em Água Negra. Ele vinha à frente da filha amarrada com corda, enlouquecida, gritando coisas que ecoavam por céu e terra e não conseguíamos compreender. Uma das duas, ou Crispina ou Crispiniana, vinha atrás, auxiliando o pai na jornada, segurando a irmã, certamente se machucando com os golpes do corpo selvagem da transtornada que estava envolta em um laço, como um animal, com uma volta e nós nos braços, outra volta amarrando os punhos. Os pés descalços, o cabelo armado no alto da cabeça, sem o lenço que costumava usar.</p>	<p>“Isn’t Crispiniana coming there? Or is it Crispina?” my mother asked, referring to the twins, daughters of Saturnino, our neighbors in Black Water. He came in front of his daughter tied up with rope. She was maddened, screaming things that echoed through heaven and earth and we couldn’t understand. One of the two, either Crispina or Crispiniana, followed behind, helping her father on the journey, holding her sister, certainly hurting herself with the blows of the wild body of the disturbed who was wrapped in a lasso, like an animal, with a turn and knots in the arms, and another turn tying the wrists. Bare feet, hair tied high on top of her head, without the scarf she used to wear.</p>
<p>Salustiana perguntou por Zezé – “está com o pai”, respondeu Domingas – “então vá você”, disse, “vá você e Belonísia chamar seu pai. Diga que compadre Saturnino chegou com as filhas, é coisa para ele”. Vi minhas irmãs se afastarem em direção à roça, enquanto me aproximei mais do corpo forte de minha mãe. Ela suave como o sereno da madrugada. Dali, víamos os olhos vermelhos, o rosto contorcido, a enorme quantidade de saliva como espuma que saía da boca da mulher. Toda aquela cena me deixava com um misto de curiosidade e medo. Com a família cada vez mais perto, minha mãe perguntou o que havia acontecido, qual das duas moças estava amarrada. O compadre parecia cansado, esgotado de levar a filha do rio Santo Antônio ao rio Utinga, e respondeu, tirando o chapéu em reverência: “É Crispina”.</p>	<p>Salustiana asked for Zezé – “he’s with dad”, Domingas replied – “then you go”, she said, “you and Belonísia go and call your father. Say that compadre Saturnino arrived with his daughters, it’s something for him”. I saw my sisters walk away towards the fields, while I got closer to my mother’s strong body. She was sweating like the morning breeze. Therefrom, we could see the red eyes, the contorted face, the huge amount of saliva like foam that came out of the woman’s mouth. The whole scene left me with a mixture of curiosity and fear. With the family closer and closer, my mother asked what had happened, which of the two girls was tied up. The compadre looked tired, exhausted from taking his daughter from the Santo Antônio River to the Utinga River, and replied, taking off his hat in reverence: “It’s Crispina”.</p>
<p>“Ah, então vocês encontraram?”, ouvi minha mãe perguntar com a voz trêmula.</p>	<p>“Oh, so you found her?” I heard my mother ask in a shaky voice.</p>
<p>“Estava no cemitério da cidade, deitada, escondida”, disse Saturnino entrando no terreiro da nossa casa.</p>	<p>“She was in the city cemetery, lying down, hidden”, said Saturnino, entering the yard of our house.</p>

<p>De fato, há uma semana o pai, irmãos, dentre eles Crispiniana, estavam à procura de Crispina. A família havia sido acolhida na fazenda há muitos anos. Saturnino, Damião e meu pai foram os pioneiros a chegar para trabalhar em Água Negra. Crispina e Crispiniana eram as únicas gêmeas do povoado e as primeiras que me lembro de ter tido contato. Era algo misterioso olhar para as duas mulheres jovens, recém-saídas da adolescência. Espelho não era coisa comum por ali. Havia o pedaço de espelho de Donana, que podíamos admirar de vez em quando, enquanto desarrumava e arrumava sua mala naquela rotina instituída na sua caduquice.</p>	<p>In fact, a week ago the father, brothers, among them Crispiniana, were looking for Crispina. The family had been taken in on the farm for many years. Saturnino, Damião and my father were the pioneers to arrive to work in Black Water. Crispina and Crispiniana were the only twins in the village and the first I remember having contact. It was a mysterious thing to look at the two young women, just out of their teens. Mirror was not a common thing around here. There was Donana's piece of mirror, which we could admire from time to time, while she unpacked and packed her suitcase in that routine instituted in her obsolescence.</p>
<p>Mas espelho mesmo, acessível para nos observarmos, era apenas o espelho d'água dos rios com seu líquido escuro e ferruginoso, onde nos víamos negras num espelho também negro, talvez criado exatamente para nos descobrirmos. Do espelho cintilante da faca de cabo de marfim também não esquecia, afinal, nele havia vislumbrado nossos rostos para num átimo ver a lâmina inflexível fazer cair uma língua com os sons que poderiam ser produzidos por ela. Crispina e Crispiniana caminhavam juntas, lado a lado, como um duplo da outra. Como um espelho com profundidade, comprimento e altura, mas sem as bordas quebradas como o que pertenceu a Donana, ou as margens de areia e mata que emolduravam nossa imagem nas águas do rio.</p>	<p>But an accessible mirror itself, just for us to observe ourselves, was just the reflecting pool of the rivers with their dark and rusty liquid, where we saw ourselves black in a mirror that was also black, perhaps created exactly to discover ourselves. I also couldn't forget the glimmering reflection of the ivory-handled knife, after all, in it I had glimpsed our faces in order to see the inflexible blade make a tongue fall out with the sounds that could be produced by it. Crispina and Crispiniana walked together, side by side, like each other's double. Like a mirror with depth, length and height, but without the broken edges like the one that belonged to Donana, or the shores of sand and forest that framed our image in the waters of the river.</p>
<p>Ao se aproximarem da porta de nossa casa, Crispina tombou no chão. Estava suja, tinha um cheiro ruim de suor, urina e flores mortas. Vi o horror se instaurar nos olhos de minha mãe. Não era a primeira, nem segunda, nem terceira vez que chegava alguém desvairado. E certamente não seria a última que se internaria em nossa casa, como diziam que faziam num hospital da capital para os que enlouqueciam. Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia</p>	<p>As they approached the door of our house, Crispina fell to the floor. It was dirty, it had a bad smell of sweat, urine and dead flowers. I saw horror set in my mother's eyes. It was not the first, nor the second, nor the third time that someone frantic arrived. And it certainly wouldn't be the last to check into our house, as they said they did in a hospital in the capital for those who went mad. No guests, visits or invitation. They were people disconnected from their self, unknown to relatives and to themselves. They were people with jinks, known and also unknown to everyone. These were families that placed their hopes in the powers of Zeca Chapéu Grande, a curator of <i>jarê</i>, our African origin religion, who lived</p>

<p>para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam.</p>	<p>to restore the health of body and spirit to those in need.</p>
<p>Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. Ao mesmo tempo que me orgulhava da deferência que lhe dedicavam, sofria por ter que dividir a casa com visitas nada discretas, gritando suas dores, seus desconhecimentos, impregnando-a com o cheiro de velas e incensos, com as cores das garrafas de remédios de raízes, com pessoas boas ou ruins, humildes ou inconvenientes, que se instalavam por semanas no nosso pequeno lar. Minha mãe era a que mais sofria, porque precisava permanecer em casa, atenta aos horários dos remédios, acompanhando os parentes que também se acomodavam com o doente – era uma condição para a “internação” – no intuito de auxiliar nos cuidados aos perturbados.</p>	<p>From an early age, we had to live with this magical side of our father. He was a father like the other fathers we knew, but whose paternity was extended to the afflicted, sick, in need of medicine that was not available in hospitals, and of wisdom that was not available in the absent doctors of that land. While I was proud of the deference they paid to her, I suffered from having to share the house with obtrusive visitors, shouting their pains, their ignorance, impregnating it with the scent of candles and incense, with the colors of root medicine bottles, with good or bad people, humble or inconvenient, who settled for weeks in our little home. My mother was the one who suffered the most, because she needed to stay at home, attentive to the medication schedule, accompanying the relatives who also accommodated with the sick person – it was a condition for “hospitalization” – in order to help care for the disturbed.</p>
<p>A ordem delicada da vida havia sido rompida, o que se refletia no desequilíbrio de todos, inclusive de nós, crianças, que passávamos a ter medo das sombras da moradia iluminada por candeeiros e velas durante a noite. Evitávamos dormir sozinhas e ficávamos amontoadas para nos protegermos dos espaventos que vinham por vezes durante a madrugada, com um grito rouco ou com a sensação de um sutil tremor de terra, que acreditávamos serem causados pelas forças contrárias dos internos.</p>	<p>The delicate order of life had been broken, which was reflected in the imbalance of everyone, including us children, who began to be afraid of the shadows of the house lit by lamps and candles at night. We avoided sleeping alone and huddled together to protect ourselves from the shocks that sometimes came at dawn, with a hoarse cry or with the sensation of a subtle earthquake, which we believed to be caused by the opposing forces of the infirms.</p>
<p>Vislumbrar Crispina no chão, aos nossos pés, com olhos cor de fogo, cabelos crespos enredados em pétalas de flores e folhas secas – algumas guardando a reminiscência da cor e certamente de algum perfume que tivera no auge do seu viço – com a boca branca minando saliva, e o odor nauseante que exalava de seu corpo ao lado da irmã Crispiniana, foi experimentar de novo a sensação de infortúnio que nos devastou no dia em que retiramos a faca da mala e, querendo experimentar a beleza de um brilho misterioso e proibido, a colocamos na boca, completamente libertas como se fosse</p>	<p>To glimpse Crispina on the ground at our feet, with fiery eyes, curly hair tangled in flower petals and dry leaves - some retaining the reminiscence of color and certainly of some perfume that he had at the height of his vigor - with her white mouth dripping with saliva, and the nauseating odor that exhaled from her body next to her sister Crispiniana, she went to experience again the feeling of misfortune that devastated us the day we took the knife out of the suitcase and, wanting to experience the beauty of a mysterious and forbidden glow, we put it in our mouths, completely</p>

<p>possível, sem experimentar os interditos das crenças de nossos pais e vizinhos, ou sem, ainda, compreender a dominação que nos fazia trabalhadores cativos da fazenda.</p>	<p>freed as if it were possible, without experiencing the prohibitions of the beliefs of our parents and neighbors, or without even understanding the domination that made us captive workers on the farm.</p>
<p>Foi como se o espelho de minha avó, que continuava em sua mala debaixo da cama, coberta por grossa camada de terra, tivesse perdido mais um pedaço, e só pudéssemos ver àquela distância parte de nós mesmos. Talvez por estar tão impressionada, Crispina tenha segurado meu pé com tamanha força que me derrubou ao chão sem que minha mãe conseguisse evitar a queda, e o choro que brotou de meu rosto guardava a impressão daquela visão que remetia a algo muito recente em nossas vidas.</p>	<p>It was as if my grandmother's mirror, which was still in her suitcase under the bed, covered with a thick layer of dirt, had lost another piece, and we could only see part of ourselves at that distance. Perhaps because I was so impressed, Crispina grabbed my foot with such force that she knocked me to the ground without my mother being able to stop the fall, and the cry that welled up in my face kept the impression of that vision that referred to something very recent in our lives. .</p>
<p>Saturnino, impaciente, desferiu um tapa sonoro na cara da filha, que não reagiu, ao mesmo tempo que Crispiniana, que testemunhava o ato, levava a mão ao rosto como se o golpe do pai tivesse sido em sua própria face.</p>	<p>Saturnino, impatient, gave his daughter a resounding slap in the face, who did not react, at the same time as Crispiniana, who was witnessing the act, raised her hand to her face as if her father's blow had been in her own face.</p>
<p>Enquanto chorava, avistei Belonísia e Domingas saindo da vereda que levava à roça. Não demorou para meu pai chegar carregando sua sacola e enxada. Zeca Chapéu Grande era diferente de nós, que não sabíamos lidar com eventos daquela natureza. Agia com grande afeição diante das dificuldades mais díspares que nos chegavam à porta. De imediato, ordenou que Saturnino desamarrasse a filha, que o fez sem questionar ou temer, como parecia minutos antes. Ajudou a moça se levantar. Vi que dos lábios grossos e antigos de meu pai saíam as rezas que nos remetiam à segurança da magia que lhe creditavam. Ele pediu que minha mãe e Crispiniana a levassem para tomar um banho, enquanto Belonísia e Domingas se postaram ao meu lado. Segui para o quarto dos santos, estendeu uma esteira de palha, colocou um banco de assento de couro velho ao lado.</p>	<p>As I cried, I saw Belonísia and Domingas leaving the path that led to the fields. It didn't take long for my father to arrive carrying his bag and hoe. Zeca Chapéu Grande was different from us, who didn't know how to deal with events of that nature. He acted with great affection in the face of the most disparate difficulties that came to our door. Immediately, he ordered Saturnino to untie his daughter, who did so without questioning or fearing, as it had seemed minutes before. He helped the girl to stand up. I saw that from my father's thick and ancient lips came the prayers that sent us back to the security of the magic they credited him with. He asked my mother and Crispiniana to take her to take a shower, while Belonísia and Domingas stood beside me. He went to the room of the saints, spread out a straw mat, placed an old leather bench next to it.</p>
<p>Acendeu uma vela e a atenção de todos que estavam por perto se voltou para o lume; se permanecesse acesa, Crispina, agora perturbada, poderia ficar; se a chama não resistisse à energia da atmosfera, se apagando, era porque não havia remédio.</p>	<p>He lit a candle and the attention of everyone nearby turned to the fire; if it stayed lit, Crispina, now distraught, might stay; if the flame did not resist the energy of the atmosphere, extinguishing itself, it was because there was no remedy.</p>

6	6
<p>Demorou algumas semanas até que Crispina, em parte, se pacificasse. Antes disso foi preciso conviver com seus gritos e gemidos, dia e noite. De dia, já era de certa forma esperado. À noite, nos arrepiávamos e acordávamos aturdidos. Via meu pai Zeca levantar de seu quarto e seguir acompanhado de minha mãe para onde estava a interna. Escutávamos tudo de onde estávamos, minúsculo cômodo onde nós, irmãos, dormíamos amontoados, mas quando as palavras chegavam até mim eram apenas sussurros que mal conseguia distinguir. Minha mãe passava com o candeeiro aceso no quarto para bem-fadar nosso sono. Essa rotina se repetiu por semanas.</p>	<p>It took a few weeks for Crispina to partially pacify herself. Before that, it was necessary to live with their screams and moans, day and night. By day, it was already somewhat expected. At night, we shivered and woke up dazed. I saw my father Zeca get up from his room and follow my mother to where the infirm was. We could hear everything from where we were, the tiny room where we siblings slept huddled together, but when the words reached me they were just whispers I could barely distinguish. My mother passed with the lamp lit in the bedroom to make us sleep well. This routine was repeated for weeks.</p>
<p>Quando retornei certa manhã, depois de aguardar as plantas do quintal – e Crispina já reagia bem às rezas e poções de raízes que meu pai administrava –, ouvi as duas irmãs conversando baixo, a princípio, mas depois se tornou um crescente exaltar de vozes vindas do quarto onde estavam. Tinham acabado de voltar de um passeio pelo terreiro da casa, consentido pelo curador. Não pude escutar tudo, mas suas sentenças passaram o resto do dia martelando em minha cabeça: “Não foi verdade”, “Foi, sim”, “Você adoeceu, Crispina”, “Não estou doida, Crispiniana”, “Não diga uma tolice dessas na frente de nosso pai”, “Que você estava no mato com ele”, “Isidoro nem estava por lá essa hora”, “Isidoro fez promessa de morar comigo”, “Fez promessa não, senhora. Você que está inventando coisa”, “Fala isso porque é você que quer ele e estava lá no mato”, “Maluca, por isso está aqui”.</p>	<p>When I returned one morning, after watering the plants in the backyard – and Crispina was already responding well to the prayers and root potions my father administered – I heard the two sisters talking quietly at first, but then it became a growing uproar of voices from the room where they were. They had just returned from a walk around the house's yard, with the consent of the curator. I couldn't hear everything, but her sentences spent the rest of the day hammering in my head: “It wasn't true”, “Yes, it was”, “You got sick, Crispina”, “I'm not crazy Crispiniana”, “Don't say such nonsense in front of our father”, “That you were in the woods with him”, “Isidoro wasn't even there at that time”, “Isidoro promised to live with me”, “He didn't, no ma'am. You are making things up”, “You say that because you want him and you were there in the bush”, “You're crazy, that's why you're here”.</p>
<p>Escutei tudo suavizando minha respiração, atenta ao que diziam, na mesma medida que estava alerta à presença de minha mãe, que poderia chegar a qualquer momento e me surpreender escutando a conversa. Sabia bem que repreensão teria se fosse apanhada ouvindo duas pessoas mais velhas. Foi quando Crispina gritou para que a irmã saísse dali, que a deixasse em paz, e das brechas da cortina que separava os cômodos, vi seus olhos ficarem vermelhos feito dois torrões de brasa. Ela começou a salivar de tal forma que</p>	<p>I listened to everything, softening my breathing, attentive to what they were saying, in the same way that I was alert to the presence of my mother, who could arrive at any moment and surprise me listening to the conversation. I knew well what a rebuke I would get if I was caught listening to two older people. That's when Crispina yelled for her sister to get out of there, to leave her alone, and through the gaps in the curtain that separated the rooms, I saw her eyes go red like two lumps</p>

<p>se formou um muco leitoso no canto da boca. Eram gritos misturados ao choro alto. O caos se instaurou naquele instante, as duas choravam até que, depois de certo ponto, rolavam pelo chão retirando seus lenços e se agarrando aos cabelos.</p>	<p>of coal. She began to salivate in such a way that milky mucus formed in the corner of her mouth. There were screams mixed with loud crying. Chaos ensued at that moment, the two cried until, after a certain point, they rolled on the floor removing their scarves and clinging to their hair.</p>
<p>Eu estava surpresa, mas Belonísia se aproximou de mim rindo da cena. Minha mãe, que lavava utensílios com a água que eu havia pegado no rio mais cedo, deixou as panelas no jirau e correu para o quarto. “Mas o que é isso?”, disse avançando para tentar separar as duas, “Anda, vocês duas” – olhou para mim e Belonísia – “me ajudem aqui”. Seguramos Crispiniana pelos braços. Ela tinha os olhos lacrimosos e o cabelo em pé de tantos puxões que havia levado; minha mãe segurou os dois braços de Crispina, a perturbada, com os olhos vítreos e a boca repetindo as acusações que havia lançado à irmã. Minha mãe ameaçou chamar compadre Saturnino para levar as duas dali, “e aí não tem remédio, acaba o tratamento e não vou querer você de volta, Crispina”. Nos braços de minha mãe mesmo, Crispina, agitada, chorou repousando a cabeça nos seus seios. Salustiana Nicolau ordenou que Crispiniana saísse com nós duas e que as deixássemos a sós por um tempo.</p>	<p>I was surprised, but Belonisia approached me laughing at the scene. My mother, who was washing utensils with the water I'd taken from the river earlier, left the pots on the jirau and ran to her room. “What happening?”, she said, moving forward to try to separate the two, “Come on, you two” – she looked at me and Belonísia – “help me here”. We held Crispiniana by the arms. Her eyes were watery and her hair was standing up from so many tugs she had taken; my mother took both arms of Crispina, the distraught one, her eyes glazed and her mouth repeating the accusations she had hurled at her sister. My mother threatened to call compadre Saturnino to take the two of them away, “and then there's no medicine, the treatment ends and I won't want you back, Crispina”. In my mother's arms, Crispina, agitated, wept, resting her head on her breasts. Salustiana Nicolau commanded Crispiniana to leave with the two of us and let us leave them alone for a while.</p>
<p>Crispiniana ajeitou a roupa rasgada em seu corpo e foi para o quintal. Chorou em silêncio e, quando seus olhos ficaram cansados de verter lágrimas, pegou os utensílios que minha mãe lavava para terminar o trabalho. Eu e Belonísia continuamos na sala, fingindo brincar em silêncio para escutar o que Crispina dizia. Crispina repetiu o que havia dito, que encontrou seu noivo deitado com a irmã na roça dele. Que foi tomada de um sentimento de amargor que nunca havia experimentado. Que já não atinava mais coisa com coisa e foi tomada de uma coisa ruim que a perturbou por completo. Só veio recobrar a consciência quando já estava instalada em nossa casa, há semanas, e aos poucos foi recordando os dias que antecederam seu desaparecimento.</p>	<p>Crispiniana straightened the torn clothes on her body and went to the backyard. She cried silently, and when her eyes grew tired with tears, she picked up the utensils my mother was washing to finish her work. Belonisia and I remained in the living room, pretending to play in silence to hear what Crispina was saying. Crispina repeated what she had said, that she found her fiancé lying with her sister in his garden. That was taken by a feeling of bitterness that she had never experienced. That she wasn't making any sense and was taken by a bad thing that completely disturbed her. She only came to regain consciousness when she had been installed in our house for weeks, and little by little she began to remember the days before her disappearance.</p>
<p>O resto da história nós sabíamos de escutar compadre Saturnino contar no dia em que</p>	<p>The rest of the story we knew from listening to compadre Saturnino tell the day they</p>

<p>chegaram à casa, e mais as prosas das vizinhas, compadres e comadres que repetiam a novidade nos caminhos que cortavam a fazenda. Depois de sumir sem deixar vestígios, pai, noivo e irmãos procuraram Crispina por roças, na mata que cercava o rio Santo Antônio, pelos pântanos e brejos dos marimbus, sem êxito. O pai, atormentado com aquele inesperado desaparecimento, chegou à cidade caminhando e procurou por ajuda da polícia. A cada dia chegava uma notícia nova, de que Crispina estava indo para um povoado nas cercanias da fazenda, ou que alguém a havia visto subindo num ônibus em direção à capital, ou que ouviram urros de uma mulher louca durante a madrugada, como se fosse um bicho. Ou ainda, que tinham visto alguém tirando frutas do quintal, que compadre Domingos havia atirado numa pessoa pensando que era uma raposa, e quando Saturnino chegou tonto na casa do compadre, teve a história desmentida.</p>	<p>arrived at the house, plus the prose of the neighbors, compadres and comadres who repeated the news on the paths that crossed the farm. After disappearing without a trace, father, fiancé and brothers looked for Crispina through fields, in the woods that surrounded the Santo Antônio River, through marimbus marshes and swamps, without success. The father, tormented by that unexpected disappearance, arrived in the city walking and sought help from the police. Every day new news arrived, that Crispina was going to a village on the outskirts of the farm, or that someone had seen her getting on a bus heading to the capital, or that they had heard a mad woman screaming at dawn, as if an animal. Or even that they had seen someone picking fruit from the backyard, that compadre Domingos had shot a person thinking it was a fox, and when a dizzy Saturnino arrived at his compadre's house, his story was denied.</p>
<p>Oito dias depois, Crispina foi encontrada por um coveiro deitada entre os túmulos no cemitério da cidade, incapaz de responder sobre quem era, muito menos onde vivia e o que estava fazendo ali. Surgiu poucos dias depois do feriado de finados, deitada em meio a flores murchas que já haviam perdido a frescura, mas ainda guardavam o perfume das coisas que mirram e diminuem em sua própria finitude. Angélicas, crisântemos, lírios deixados pelas famílias mais abastadas, e flores artificiais, de arame e papel crepom desbotado pelo tempo, pelas famílias desprovidas. Estava mais magra, abandonada ao próprio esquecimento, suja da terra que revolviam para sepultar os mortos, da longa caminhada, com os pés e mãos feridos, com um odor forte de suor e urina.</p>	<p>Eight days later, Crispina was found by a gravedigger lying among the graves in the town cemetery, unable to answer who she was, much less where she lived and what she was doing there. She appeared a few days after All Soul's Day holiday, lying amid withered flowers that had already lost their freshness, but still held the scent of things that wither and diminish in their own finitude. Angelicas, chrysanthemums, lilies left by the wealthiest families, and artificial flowers, made of wire and crepe paper faded by time, by the destitute families. She was thinner, abandoned to her own oblivion, dirty from the earth they turned to bury the dead, from the long walk, her feet and hands hurt, with a strong odor of sweat and urine.</p>
<p>Compadre Saturnino foi ao encontro da filha, submisso ao destino, aceitando o imprevisto. Não contou com a boa vontade de Sutério para buscá-la com o <i>Ford Rural</i>. O gerente havia alegado trabalhos para não fazer o transporte no carro do patrão. Daí que veio a ideia de lançá-la como se lançam os animais na lida do campo ou os perturbados conduzidos aos curadores de jarê. E caminhando por muitas horas chegaram aos domínios de</p>	<p>Compadre Saturnino went to meet his daughter, submissive to fate, accepting the unforeseen. He didn't count on Sutério's willingness to pick her up with the <i>Rural Willlys</i>. The manager had claimed work not to do the transport in the boss's car. Hence the idea of lassoing it like animals are lassoed in the field or those who are disturbed are taken to the curators of jarê. And walking for many hours, they reached</p>

<p>Zeca Chapéu Grande, para que pudesse curá-la do infortúnio da loucura que havia se abatido sobre seu juízo.</p>	<p>the domains of Zeca Chapéu Grande, so that he could cure her of the misfortune of madness that had befallen her judgment.</p>
<p>De loucura meu pai entendia, assim diziam, porque ele mesmo já havia caído louco num período remoto de sua vida. Os curadores serviam para restituir a saúde do corpo e do espírito dos doentes, era o que sabíamos desde o nascimento. O que mais chegava à nossa porta eram as moléstias do espírito dividido, gente esquecida de suas histórias, memórias, apartada do próprio eu, sem se distinguir de uma fera perdida na mata. Diziam que talvez fosse por conta do passado minerador do povo que chegou à região, ensandecido pela sorte de encontrar um diamante, de percorrer seu brilho na noite, deixando um monte para adentrar noutro, deixando a terra para entrar no rio.</p>	<p>My father understood madness, so they said, because he himself had already fallen mad at a remote period in his life. The healers served to restore the health of the body and spirit of the sick, that's what we knew from birth. What most came to our door were the diseases of the divided spirit, people forgetful of their stories, memories, separated from their own self, indistinguishable from a wild beast lost in the woods. They said that maybe it was because of the mining past of the people who arrived in the region, maddened by the luck of finding a diamond, of running through its glow in the night, leaving a hill to enter another, leaving the land to enter the river.</p>
<p>Gente que perseguia a fortuna, que dormia e acordava desejando a ventura, mas que se frustrava depois de tempos prolongados de trabalho fatigante, quebrando rochas, lavando cascalho, sem que o brilho da pedra pudesse tocar de forma ínfima o seu horizonte. Quantos dos que encontravam a pedra estavam libertos dos delírios? Quantos tinham que proteger seu bambúrrio da cobiça alheia, passando dias sem dormir, com os diamantes debaixo do corpo, sem se banhar nas águas dos rios, atentos a qualquer gesto de trapaça que poderia vir de onde menos se esperava?</p>	<p>People who pursued their fortune, who slept and woke up wishing for luck, but who were frustrated after long periods of tiring work, breaking rocks, washing gravel, without the shine of the stone being able to touch their horizon in the slightest way. How many of those who found the stone were free from delusions? How many had to protect their fluke from the greed of others, spending days without sleep, with diamonds under their bodies, without bathing in the waters of rivers, attentive to any deceitful gesture that could come from where they least expected it?</p>
<p>Crispina tentou de todo jeito fazer com que minha mãe mandasse a irmã de volta para casa, que a deixasse ali sozinha. Minha mãe, de forma assertiva, disse que o passado ficaria para trás, que elas eram irmãs e naqueles dias que se encontrava recolhida em nossa casa Crispiniana tinha zelado por ela como se fosse uma mãe. “Onde já se viu irmãs da mesma barriga viverem a vida como se fossem inimigas?”, perguntou. Disse que nunca em sua vida tinha visto algo assim, e que aquilo deveria trazer má sorte para a vida das duas. As gêmeas voltaram a se falar e conviver como antes no resto da temporada em nossa casa. Não brigaram mais, porém tampouco “se uniram como os dedos da mão”, diria minha mãe certo dia para meu pai.</p>	<p>Crispina tried her best to get my mother to send her sister back home, to leave her there alone. My mother assertively said that the past would be behind her, that they were sisters and in those days that she was confined in our house Crispiniana looked after her as if she were her mother.</p> <p>“Where in the world could sisters of the same belly live their lives as if they were enemies?” she asked. She said that he had never seen anything like it in her life, and that it must bring bad luck to their lives. The twins returned to talk to each other and socialize as before the rest of the season in our house. They didn't fight anymore, but neither did they “join together like the</p>

	fingers of a hand”, my mother would say to my father one day.
Crispina recobrou a saúde, o viço da pele, as forças de jovem lavradora, como grande parte das mulheres que residiam na fazenda. Havia brilho em seus olhos e se tornou novamente um espelho da irmã, Crispiniana. Logo seria hora de regressarem para as margens do Santo Antônio. Agora, mais que antes, laços concretos nos uniam: a mão de meu pai estava repousada, enquanto visse, em sua cabeça. Repousada nas cabeças dos membros de sua família. Zeca Chapéu Grande não era apenas um compadre. Era pai espiritual de toda a gente de Água Negra.	Crispina recovered her health, her fresh skin, the strength of a young farmer, like most of the women who lived on the farm. There was a sparkle in her eyes and she became a mirror image of her sister, Crispiniana. Soon it would be time to return to the banks of Santo Antônio. Now, more than ever, concrete bonds unite us: my father's hand was resting, as long as he lived, on his head. Rested on the heads of her family members. Zeca Chapéu Grande was not just a friend. He was the spiritual father of all the people of Black Water.
Quando deixou nossa casa, ela voltou, contra a vontade do pai, a se encontrar com Isidoro. Pegaram seus pertences e foram morar juntos numa casa de barro que levantaram na parte destinada à morada dos trabalhadores. Da porta da casa do pai, Crispiniana mirava a vida da irmã com sua grande paixão. Não acreditávamos que a história das irmãs fosse terminar daquela forma.	When she left our house, she returned, against her father's wishes, to meet Isidoro. They took their belongings and went to live together in a mud house that they built in the part destined for the workers' dwelling. From the door of her father's house, Crispiniana looked at her sister's life with her great passion. We didn't believe the sisters' story would end like that.
7	7
Anos depois do acidente que emudeceu uma de suas filhas, meu pai, incentivado por Sutério, havia convidado o irmão de minha mãe para residir em Água Negra. O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada.	Years after the accident that silenced one of his daughters, my father, encouraged by Sutério, had invited my mother's brother to live in Black Water. The manager wanted to bring in people who “work hard” and “who aren't afraid of work”, in my father's words, “to sweat for the field”. He could build a house of clay, no masonry, nothing to demarcate the time of presence of the families on the land. We could plant a small garden to have pumpkin, beans, okra, nothing that would distract from the need to work for the owner of the farm, after all, that was what the dwelling was for.
Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de	He could bring a wife and children, better that way, because when they grew up they would replace the older ones. They would be people of esteem, well-known, godchildren of the farmer. There was no money, but there was food on the plate. He could stay in those parts, quiet, without being disturbed, just obey the orders that were given to him. I saw my father tell my

<p>seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão.</p>	<p>uncle that in the time of his grandparents it was worse, there couldn't be a farm, there was no house, everyone huddled in the same space, in the same shed.</p>
<p>Para convencê-lo, meu pai disse que o arrozal era bom de trabalhar. Que ali chovia, tinha terra boa, que, “olha”, abria os braços mostrando a roça e o quintal, mostrando a mata ao redor deles, “aqui não nos falta nada”. “Você tem os meninos, isso é de ajuda. Tem um passarinho preto miudinho assim”, mostrava as falanges dos dedos dando a dimensão aproximada da praga, “que ataca o arrozal de manhã cedo. Os meninos podem ajudar a espantar eles. Aqui todo mundo acorda cedo para espantar os passarinhos, só assim fazemos boa colheita”.</p>	<p>To convince him, my father said that the rice paddies were good to work with. That it was raining there, there was good soil, that, “look”, opened its arms showing the fields and the backyard, showing the woods around them, “we don't lack anything here”. “You have the boys, that's helpful. There's a tiny little black bird like that”, he showed the phalanges of his fingers, giving the approximate size of the pest, “which attacks the rice field early in the morning. Boys can help scare them away. Here, everyone wakes up early to scare away the birds, that's the only way to make a good harvest”</p>
<p>Era verdade. Nos longos anos em que plantaram arroz no meio do sertão de água, na beira dos pântanos dos marimbus, acordávamos antes que o sol se levantasse no horizonte e seguíamos rumo à roça da fazenda. Nos muníamos de galhos, pedras, tudo que fosse instrumento para espantar os pássaros, miudinhos, de penas negras e que brilhavam quase azuis na luz da manhã.</p>	<p>It was true. In the long years when they planted rice in the middle of the Sertão water, on the edge of the marimbus marshes, we woke up before the sun rose on the horizon and headed towards the farm's field. We provided ourselves with branches, stones, everything that was an instrument to scare away the birds, small ones, with black feathers and that glowed almost blue in the morning light.</p>
<p>Se não fôssemos rápidos o suficiente, seu bico entrava no grão que amadurecia e sugava tudo que estivesse dentro, com sua minúscula língua. Enquanto os adultos trabalhavam, cabia a nós, as crianças, espantar a praga. Os meninos chegavam com estilingues, por vezes abatiam a ave pequena. Certa vez, Belonísia chorou e só cessou o pranto quando sugeri que fizéssemos um enterro, com direito a uma caixa de vela, como urna, e flores que colhemos no campo.</p>	<p>If we weren't fast enough, its beak would enter the ripening grain and suck out everything inside with its tiny tongue. While the adults worked, it was up to us children to scare away the plague. The boys arrived with slingshots, sometimes shooting down the little bird. Once, Belonísia cried and only stopped crying when I suggested that we have a funeral, with a box of candles, like an urn, and flowers that we picked in the field.</p>
<p>Meu tio viajou no lombo de um burro, a mulher em outro, os filhos caminhando, se revezando na travessia para a montaria dos animais. Foram morar numa construção de alvenaria, uma casa vazia que abrigava os trabalhadores que chegavam. Era permitido que se hospedassem ali até a aceitação definitiva da morada, dada de acordo com a produtividade e a disposição para o trabalho da nova família. Se aceitos, destinava-se a</p>	<p>My uncle traveled on the back of a donkey, his wife on another, the children walking, taking turns crossing to mount the animals. They went to live in a masonry building, an empty house that sheltered the arriving workers. They were allowed to stay there until the final acceptance of the address, given according to the productivity and willingness to work of the new family. If accepted, they would be allocated a plot of</p>

<p>eles uma parcela de terra para que pudessem construir a tão almejada casa e ter seu quintal e animais pequenos.</p>	<p>land so that they could build the much-desired house and have their own backyard and small animals.</p>
<p>Tio Servó chegou acompanhado da esposa, Hermelina, e dos seis filhos. Era a primeira vez que os via. Minha mãe estava emocionada, com a discrição de sentimentos que lhe era peculiar. Matou duas galinhas de nosso quintal e fez um almoço farto. Sentamos no chão com nossos pratos, as crianças tímidas se escondiam atrás dos pais. Salu não conhecia a cunhada e logo quis saber os nomes dos sobrinhos. “Esse aqui guardei pra você batizar, Salu”, disse. Era meu primo mais velho, Severo. Era quase um rapaz, crescido, mas igualmente tímido como os irmãos. “Mas deixou o menino tanto tempo pagão, Servó?”, reclamou minha mãe da negligência do irmão.</p>	<p>Uncle Servó arrived accompanied by his wife, Hermelina, and their six children. It was the first time I saw them. My mother was touched, with the discretion of feeling that was peculiar to her. She killed two chickens from our backyard and made a hearty lunch. We sat on the floor with our plates, the shy children hiding behind their parents. Salu did not know her sister-in-law and soon wanted to know the names of her nephews. “This one I waited for you to baptize, Salu,” he said. It was my older cousin Severo. He was almost a boy, grown up, but just as shy as his brothers. “But did you leave the boy a heathen for so long, Servó?” My mother complained of her brother's neglect.</p>
<p>Depois do almoço, e espalhados pelo terreiro, meus primos foram se entrosando. A casa onde iriam ficar estava mais próxima do rio Santo Antônio, do lado oposto à nossa casa. Assim, nosso contato não seria tão frequente, nos veríamos nas festas e feriados, ou nos dias das brincadeiras do jarê em nossa casa. Não cheguei a vê-los nos arrozais da várzea do Santo Antônio, para saber se espantavam o chupim tão bem como nós. Mas Severo, o primo tímido, chegava de tempos em tempos com meus tios para nos visitar. Se era brincadeira de jarê, ficávamos acordados até a madrugada correndo pelo terreiro, contando histórias e rindo alto.</p>	<p>After lunch, and scattered around the yard, my cousins started getting along. The house where they were going to stay was closer to the Santo Antônio River, on the opposite side of our house. Thus, our contact would not be so frequent, we would see each other at parties and holidays, or on the days of the jarê games at our house. I didn't get to see them in the rice fields of the Santo Antônio floodplain, to find out if they scare away the shiny cowbird as well as we did. But Severus, the shy cousin, came from time to time with my uncles to visit us. If it was a game of jarê, we would stay up until dawn running around the yard, telling stories and laughing out loud.</p>
<p>Eu e Belonísia, estranhamente, já que estávamos cada vez mais próximas, nos dispersávamos nesses momentos, talvez de forma irrefletida, para disputar a atenção de Severo. Domingas e Zezé se ocupavam em brincadeiras com os menores, enquanto nós, quase adolescentes, descobríamos aos poucos o interesse que um menino poderia despertar em duas moças com seios despontando nos vestidos, ancas se firmando e o perfume do corpo abundando como nunca. Duas moças que se descobriam vaidosas, que reclamavam por um espelho</p>	<p>Belonísia and I, strangely, since we were getting closer and closer, would disperse at these moments, perhaps unthinkingly, to vie for Severo's attention. Domingas and Zezé were busy playing games with the little ones, while we, almost teenagers, were slowly discovering the interest that a boy could arouse in two girls with breasts protruding from their dresses, hips firming up and the scent of their bodies plentiful as ever. Two girls who found themselves vain, who complained about a mirror at home, who occupied their spare time with</p>

<p>em casa, que ocupavam o tempo vago com penteados e combinações de vestimentas diferentes com as poucas peças de roupa que tinham.</p>	<p>hairstyles and combinations of different clothes with the few pieces of clothing they had.</p>
<p>Severo superou aos poucos a timidez e passou a se comunicar de forma incessante conosco. No início, a que era a voz duplicada, a que falava pelas duas, cuidou, sem perceber, de instruir o primo de como poderia ser fácil entender os sinais que havíamos elaborado, sem o recurso de uma escola, para nos comunicarmos. De maneira breve, ele aprendeu a se comunicar também, às vezes melhor que qualquer um da casa, e logo se passou a sentir, além do óbvio ciúme pela atenção do primo, ciúme pela capacidade de compreensão que havia adquirido em tão pouco tempo. Quiçá o primo nos compreendesse melhor que nossos pais.</p>	<p>Severo gradually overcame his shyness and began to communicate with us incessantly. In the beginning, the one who was the double voice, the one who spoke for both, took care, without realizing it, to instruct his cousin on how easy it could be to understand the signs that we had elaborated, without the recourse of a school, to communicate. In a short time, he learned to communicate too, sometimes better than anyone in the house, and soon he began to feel, in addition to the obvious jealousy of his cousin's attention, jealousy of the capacity for understanding he had acquired in such a short time. Perhaps the cousin understood us better than our parents.</p>
<p>Chupim aos montes e todo dia, ao alvorecer. Nós seguíamos para espantá-los com nossas armas. Chupim engana, é matreiro e preguiçoso. Come o arroz que a gente planta – ouvíamos falar –, gosta de coisa pronta.</p>	<p>There were shiny cowbirds in the mountains and every day at dawn. We went on to scare them away with our weapons. This bird deceives, is sly and lazy. It eats the rice we plant – we would hear – likes things ready made.</p>